

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LIZANDRA LORENA ELIAS DE SOUZA**

**A DINÂMICA DA CAFEICULTURA NOS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE  
CARMELO E PATROCÍNIO**

UBERLÂNDIA - MG

2020

**LIZANDRA LORENA ELIAS DE SOUZA**

**A DINÂMICA DA CAFEICULTURA NOS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE  
CARMELO E PATROCÍNIO**

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e  
Relações Internacionais da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Nunes Guimarães

UBERLÂNDIA - MG

2020

LIZANDRA LORENA ELIAS DE SOUZA

A DINÂMICA DA CAFEICULTURA NOS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE  
CARMELO E PATROCÍNIO

Monografia apresentada ao Instituto de Economia e  
Relações Internacionais da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Ciências Econômicas.

BANCA EXAMINADORA:

Uberlândia, 15 de dezembro de 2020.

---

Prof. Dr. Eduardo Nunes Guimarães (Orientador)

---

Prof. Dr. Carlos Alves do Nascimento

---

Prof. Dr. Humberto Eduardo de Paula Martins

## **RESUMO**

O progresso da agricultura no Brasil no decorrer do século XX e início do século XXI ocasionou inúmeras transformações no processo produtivo de várias cadeias agropecuárias. Neste cenário, destaca-se a região em que se localizam as cidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, se consolidando como uma das regiões cafeeicultoras mais desenvolvidas no território brasileiro, aplicando um grupo de inovações tecnológicas, tendo como resultado a grande produtividade e qualidade do café. Contudo, para se atingir o desenvolvimento tecnológico, a estrutura da produção passou por diversas modificações desde o início da década de 1970 até o início dos anos 2000. O processo de modernização da cultura do café na região em questão provocou grandes impactos no aumento da área produtiva, produtividade, geração de empregos e desenvolvimento para a referida região.

**Palavras-Chave:** Agricultura; Cafeicultura; Emprego Rural.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: com destaque para os territórios do café.....	26
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participações dos cinco maiores municípios do TMAP no PIB .....	18
Gráfico 2 - Quantidade produzida (em toneladas) de café na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nos anos de 1990 a 2018 .....	21
Gráfico 3- Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	22
Gráfico 4 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio na produção de café (em toneladas) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	24
Gráfico 5 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio e das demais cidades na produção de café (em toneladas) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	25
Gráfico 6 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio e das demais cidades na área colhida (em hectares) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	26
Gráfico 7 - Participação relativa dos principais municípios produtores de café na produção total do TMAP .....	28
Gráfico 8- PIB a preços correntes da cidade de Araguari/Série Revisada (unidade: R\$ x 1000) .....	35
Gráfico 9- Área plantada ou destinada à colheita (Hectares) .....	37
Gráfico 10 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Araguari e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba .....	38
Gráfico 11- Exportação, em Dólares, de Café no Município de Araguari .....	40
Gráfico 12 - Ranking dos produtos exportados (em dólar) .....	40
Gráfico 13 - Monte Carmelo - PIB a preços correntes/Série Revisada .....	41
Gráfico 14 - Área plantada ou destinada à colheita (Hectares) de café no município de Monte Carmelo .....	43
Gráfico 15 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Monte Carmelo e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	45
Gráfico 16 - Exportação, em Dólares, de Café no município de Monte Carmelo.....	46
Gráfico 17- Patrocínio - PIB a preços correntes/Série Revisada (unidade: R\$ x 1000).....	47
Gráfico 18 - Área plantada ou destinada à colheita (Hectares) de café no município de Patrocínio.....	48

Gráfico 19 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Patrocínio e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	50
Gráfico 20 - Exportação, em Dólares, de café no município de Patrocínio .....	51
Gráfico 21 - Ranking dos produtos exportados .....	51
Gráfico 22 - Participação do PIB de Araguari, Monte Carmelo .....	55
Gráfico 23 - Total de empregados por setor no município de Araguari.....	57
Gráfico 24 - Total de empregados por setor no município de Monte Carmelo.....	58
Gráfico 25 - Total de empregados por setor no município de Patrocínio.....	58

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Participação da Produção Cafeeira da Zona da Mata na Produção do Estado de Minas Gerais.....	12
Tabela 2- Quantidade populacional dos principais municípios do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas 1991-2020 .....	17
Tabela 3 - Distribuição dos premiados por município do Cerrado de Minas Gerais durante os prêmios de qualidade do café para espresso – 1991/2005.....	32
Tabela 4 - Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Araguari em 2018.....	36
Tabela 5 - Araguari (MG): principais armazéns, grãos armazenados e capacidade.....	39
Tabela 6 - Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Monte Carmelo em 2018 .....	44
Tabela 7 - Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Patrocínio em 2018 ..	49
Tabela 8 - Total de empregados nos municípios de Araguari, Monte Carmelo.....	56
Tabela 9 - Total de frotas de automóveis nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio.....	59
Tabela 10 - Número de tratores existentes nos estabelecimentos agropecuários.....	60
Tabela 11- Operações Financeiras no Município de Araguari .....	61
Tabela 12 - Operações Financeiras no Município de Monte Carmelo .....	61
Tabela 13 - Operações Financeiras no Município de Monte Carmelo .....	61



## LISTA DE SIGLAS

ABIC	Associação Brasileira da Indústria de Café
ACA	Associação dos Cafeicultores de Araguari
ACARPA	Associação dos Cafeicultores da Região de Patrocínio
AIC	Acordo Internacional do Café
AMOCA	Associação dos Cafeicultores de Monte Carmelo
APPCER	Associação dos Pequenos Produtores do Cerrado
CACCER	Conselho das Associações de Cafeicultores do Cerrado
COOCACER	Cooperativa de Cafeicultores da Região do Cerrado Mineiro
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COOPA	Cooperativa Agropecuária de Patrocínio
COOPERMONTE	Cooperativa Agrícola de Monte Carmelo
EXPOCACCER	Central de Cooperativas do Café do Cerrado
FENICAFÉ	Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura
IBC	Instituto Brasileiro de Café
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
NUCOOPP	Núcleo Cooperativista dos Pequenos Produtores
SEBRAE-MG	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais
PRRC	Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais
PADAP	Programa de Assentamento Dirigido ao Alto Paranaíba
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PRODECER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados
SICOOB	Sistema de Cooperativas de Crédito
TMAP	Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. CAFEITURA MINEIRA: história e presente</b> .....	10
1.1 O CAFÉ EM MINAS GERAIS: história e liderança nacional.....	11
1.2. O desenvolvimento do café no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	16
<b>2. A IMPORTÂNCIA DO CAFÉ PARA OS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE CARMELO E PATROCÍNIO</b> .....	22
2.1 O surgimento das cooperativas e a importância das Associações e Cooperativas de cafeicultores para o desenvolvimento da cultura do café no Cerrado Mineiro .....	29
2.2 A cafeicultura no município de Araguari .....	35
2.3 A cafeicultura no município de Monte Carmelo .....	41
2.4 A cafeicultura no município de Patrocínio .....	46
<b>3. O SETOR CAFEIEIRO NOS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE CARMELO E PATROCÍNIO: BREVE HORIZONTE</b> .....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	64

## INTRODUÇÃO

A cafeicultura apresenta um longo histórico na economia brasileira, tendo representado o principal setor de atividade econômica (ciclo do café) nacional entre o início do século XIX e as primeiras décadas do século XX, concentrando-se historicamente na porção geográfica entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e parte da Zona da Mata e Sul de Minas Gerais. Conforme Mello (1982) o legado da cafeicultura nacional foi fundamental para o processo da indústria nascente, que teve como epicentro o território paulista, em especial no período 1870-1930. Apesar de constituir uma economia cíclica em toda a sua trajetória histórica, sucedendo processos de auge e crises periódicas, mediados por oscilações de preço internacional, intervenções políticas e condições climáticas internas adversas, a grande depressão financeira internacional dos anos 1929-1933 desencadeou um deslocamento hierárquico no papel da cafeicultura na produção do país, levando à redução da sua participação na renda nacional. No plano interno notou-se um desmonte das velhas e tradicionais áreas de produção e um deslocamento geográfico para novas áreas, com o avanço, a partir do pós-Guerra, para o estado do Paraná, que se transformou no principal produtor de café entre as décadas de 1950 e 1960. Além das oscilações próprias do mercado internacional de *commodities*, comuns nesta estrutura produtiva voltada para a exportação, que recorrentemente interfere sobre a rentabilidade desta lavoura, sérios problemas de ordem climática e escassez de mão de obra criaram obstáculos à cafeicultura paranaense, que passou a investir em aumento de produtividade e substituição de culturas, levando a uma drástica redução da área plantada com café. Portanto, a partir da década de 1970 a cafeicultura brasileira, com amplo apoio do Estado no que tange ao fomento de novas tecnologias de cultivo e suporte de crédito, reencontrou no estado de Minas Gerais condições propícias para o seu novo processo de expansão.

Assim, mesmo o estado de Minas Gerais contando com longa tradição na produção de café, principalmente nas suas regiões Sul e Zona da Mata, pode-se dizer que uma nova cafeicultura ganhou espaço a partir da década de 1970, com mais tecnificação e qualidade, transformando este estado no principal produtor e exportador de café nacional. Entretanto, cabe frisar que embora a cafeicultura seja uma atividade econômica importante, diferentemente do período áureo que antecedeu a crise de 1929, esta já não apresenta dimensões econômicas absolutas e relativas suficientes para explicar o dinamismo da economia nacional e nem estadual. A nova cafeicultura agora faz parte de uma economia mais complexa, dominada pela

renda gerada nos setores de serviços e indústria e, portanto, sua importância é mais pontual e localizada em algumas áreas geográficas específicas, notadamente na composição da renda de alguns municípios de pequeno-médio porte, com população total inferior a 150 mil habitantes. No caso brasileiro, estes municípios fazem parte de regiões específicas em seus estados, com destaque para o caso de Minas Gerais.

Com aproximadamente um milhão de hectares plantados nos anos recentes, Minas Gerais produz mais de 50% de toda a safra brasileira de café. A principal *commodity*<sup>1</sup> de exportação do agronegócio mineiro, mas não do conjunto da economia estadual, o café é vendido para mais de 60 países do mundo. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB (2018), os cafeicultores de Minas Gerais produziram 33,36 milhões de sacas de café no ano de 2018, das quais 17,9 milhões são provenientes do Sul e Centro-Oeste do estado; 7,14 milhões do Cerrado Mineiro (Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste); 7,56 milhões da Região da Zona da Mata e 763,1 mil do Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri. O agronegócio café, além de importante economicamente para o estado, tem ainda grande relevância econômica e social, pois gera diversos impactos multiplicadores em uma ampla cadeia de setores de atividade, inseridos tanto no setor primário, quanto no secundário e terciário, bem como contribui para a geração de muitos postos de trabalho, estimados em torno de 4 milhões de empregos diretos e indiretos. (Embrapa, 2014).

Em se tratando de cafeicultura brasileira do século XXI, portanto, o estado de Minas Gerais destaca-se como maior produtor e exportador, uma vez que, dentre outros fatores, vem demonstrando possuir aparato tecnológico e logístico que facilitam o desenvolvimento dessa atividade agrícola, e conseqüentemente, vem liderando a produção desta *commodity*. Dentro do território estadual, podemos destacar as mesorregiões<sup>2</sup> Sul/Sudoeste e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba como as áreas onde a cafeicultura vem apresentando o maior dinamismo e que podem ser destacadas pela elevada produção, produtividade e diversidade na cafeicultura. Mas conforme já indicado, mesmo dentro destas regiões específicas a produção agrícola do café é apenas parte do processo produtivo, mas com representatividade e relevância específica e diferenciada em alguns municípios e áreas adjacentes.

Diante disso, realizamos um recorte regional e escolhemos o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba como uma das mesorregiões do estado de Minas Gerais que foi palco do avanço desta

---

<sup>1</sup> Bem ou produto homogêneo, que não possui diferenciação.

<sup>2</sup> De acordo com o IBGE (1990) é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais.

nova cafeicultura, a cafeicultura dos cerrados, que vem ganhando projeção nacional e internacional em produtividade e qualidade do produto. E dentro da mesorregião foram selecionados os principais municípios produtores de café do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, quais sejam, Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, com o objetivo de analisar a dinâmica da produção regional do café e seus possíveis impactos na dinâmica econômica e social recente destes municípios. Considerando que, conforme estudos da rede urbana brasileira IPEA/IBGE/NESUR (2002) e regiões de influência das cidades IBGE (2018), pode-se considerar que os municípios onde ocorre o maior destaque da produção regional de café, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, não constituem aqueles municípios que ocupam a posição de liderança na rede urbana regional, o objetivo é estudar os possíveis impactos da cafeicultura na dinâmica socioeconômica destas localidades. A proposta é fazer um resgate histórico para realizar um breve resgate sobre a chegada do café na região e suas principais áreas de produção e, assim, dentre outros aspectos, estudar os principais efeitos econômicos e impactos decorrentes da produção e comercialização da cultura de café a partir dos anos 1990. Além disso, procura-se discutir a dinâmica local e regional da produção e da renda gerada pela cafeicultura, analisando como esta cria efeitos multiplicadores de renda e atividades econômicas nesses municípios e em outras cidades da região, que formam o que denominaremos de cinturão da cafeicultura do cerrado mineiro. Por fim, procura-se demonstrar quais as perspectivas para os próximos anos, especialmente em termos de produtividade, renda e emprego. A hipótese principal é a de que embora a cafeicultura não seja a atividade econômica mais relevante na região, não se pode desconsiderar que o avanço da cafeicultura na região ajuda a explicar a inserção econômica regional/nacional e internacional específica dos principais municípios produtores, constituindo uma alternativa econômica e social complementar na hierarquia urbana da região e que ajuda a fortalecer os nexos da rede urbana regional e sua diversidade produtiva.

Para realizar tal tarefa o trabalho foi dividido em três capítulos, sendo o último também dedicado às considerações finais. E para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma combinação de análises qualitativas e quantitativas. Primeiramente, foi feita uma revisão bibliográfica de textos de especialistas da área (desenvolvimento da cafeicultura no Cerrado Mineiro), e, em seguida, foram analisados vários dados coletados de diversas fontes, como Censo Agropecuário, Produção Agrícola Municipal (PAM), dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), e Comex Stat (Estatísticas de Comércio Exterior).

No primeiro capítulo, tomando como referência o grande legado da cafeicultura no Brasil, é feita uma breve recuperação do desenvolvimento da cultura cafeeira no estado de

Minas Gerais e dando uma ênfase particular à chegada do café na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nas últimas décadas do século XX, procurando destacar as suas particularidades e espacialidade no contexto da rede urbana regional.

O segundo capítulo é destinado a estudar a dinâmica da cultura cafeeira no cinturão da cafeicultura regional, com destaque para as áreas de influência dos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Nesse capítulo, o mais denso do trabalho, o propósito é discutir e apresentar quais os principais motivos que fizeram com que esses municípios tenham se tornado grandes produtores de café. Outro ponto relevante é a análise dedicada ao impacto da renda gerada na região, e conseqüentemente o desdobramento em termos do nível e a qualidade do emprego e, porque, ao que tudo indica (mas, ainda não é uma afirmação conclusiva) a renda não foi abocanhada pelas maiores e mais industrializadas cidades da região, especialmente, Uberlândia e Uberaba. Ainda nesse capítulo, faremos um breve apanhado sobre o surgimento e desenvolvimento das cooperativas de café existentes na região, tendo em vista que são essenciais para o fortalecimento da classe produtora de café e os impactos de renda nos municípios.

Por fim, no terceiro capítulo, procura-se demonstrar quais as perspectivas para a cultura do café nesses municípios e nos seus entornos para os próximos anos, como, por exemplo, a qualidade e quantidade do nível de emprego e renda, e também com relação à mecanização da produção.

## **1. CAFEITURA MINEIRA: história e presente**

Os estudos históricos sobre a expansão e desdobramentos da cafeicultura em Minas Gerais do início do século XVIII até o século passado foram bastante elucidativos em demonstrar sua importância e limitações na Zona da Mata e no sul do Estado, destacando o seu papel nas economias locais, na organização do mercado de trabalho e seus efeitos na diversificação produtiva. Também é rica a literatura que analisa as dificuldades desta produção, haja vista as limitações de transportes, o emprego de técnicas rudimentares e deficiências de financiamento e subordinação ao capital comercial. Assim, apesar do longo legado da cafeicultura nestas tradicionais regiões mineiras, nota-se que a maior parte da literatura que tratou das várias faces do café (agrícola, comercial, industrial e bancário) se deram de forma mais ampla e dominante no estado de São Paulo. A partir dos anos 2000, podemos notar uma nova leva de pesquisas sobre a cultura do café no estado mineiro e sua expansão e importância. Se por um lado, há autores que argumentam sobre as frágeis bases de acumulação da cafeicultura mineira nos séculos XIX e XX e sua conseqüente decadência, por outro há estudos que relativizam este processo e mostram que apesar desta acumulação não ter ocorrido na mesma proporção do que o verificado no centro paulista, ainda assim ela aconteceu e não deixa de ter seu valor econômico e social.

A cafeicultura se configurou e ainda se configura como uma importante fonte de riqueza para o estado de Minas Gerais, todavia, assim como ocorre a nível nacional, o café revelou ao longo de toda sua história seu caráter cíclico, alternando entre momentos de bonança e crise. Mas a partir da década de 1970, quando ocorreu uma verdadeira revolução verde na agropecuária brasileira, com introdução de inovações tecnológicas, melhoramento genético e seleção de variedades, mecanização, produção de insumos agropecuários, melhoria da infraestrutura de armazenagem, estímulos às exportações e pesado investimento público na pesquisa e assistência técnica rural, que a nova cafeicultura ganhou impulso e, particularmente, avançou pelas áreas planas dos cerrados mineiros. Portanto, embora esta nova cafeicultura mecanizada e intensiva em tecnologias que molda os processos produtivos característicos do cerrado mineiro seja fruto de uma grande transformação havida no campo a partir das décadas de 1960/70, não se pode olvidar um fator muito relevante do legado histórico: muitos produtores que se aventuraram pelos cerrados mineiros trouxeram na bagagem tanto capital quanto conhecimentos adquiridos em outras regiões, especialmente no oeste paranaense. Assim sendo, trata-se de uma nova cafeicultura, sustentada em modernas tecnologias desenvolvidas nos

últimos 50 anos, mas também herdeira de uma trajetória histórica de conhecimentos tácitos de longa data.

### **1.1 O CAFÉ EM MINAS GERAIS: história e liderança nacional**

A literatura revela que o café adentrou o território de Minas Gerais através da Zona da Mata pelo chamado Caminho Novo (criado para o transporte do ouro), em 1707. Os tropeiros, ao voltarem das viagens de transporte do ouro, traziam sementes do café. Com o enfraquecimento do ciclo do ouro no final do século XVIII, a população do estado mineiro encontrou nas lavouras e pecuária uma alternativa econômica. Entretanto, conforme mostrado por Lanna (1986, p.74), de início, as atividades mercantis não destinadas para a exportação mundial, como era o caso do tabaco e algodão, eram o centro das relações econômicas em uma economia que havia perdido a sua principal fonte de monetização e voltava-se para a autossuficiência produtiva.

Já conforme Barbosa (2013, p.8), no século XIX Minas Gerais era caracterizada como a maior província do país em termos populacionais, estimada em 2 milhões de habitantes. “A cultura do café substituiu (sic!) a exploração das jazidas e trouxe mais riquezas e investimentos para o estado”. Estudos mostram que Minas Gerais possuía ao longo do século XIX uma economia bastante heterogênea e diversificada entre as regiões, além de interesses políticos distintos. Desse modo, por mais que a cultura do café tenha avançado no estado, a economia de Minas Gerais se configurava “como um mosaico de regiões que têm interesses e forças políticas próprias.” (LANNA, 1986, p.75)

Conforme De Paula (2002, p.3), a economia mineira pode ser dividida durante os anos 1800 em dois períodos. Um deles se refere à primeira metade do século XIX, onde a região Sul de Minas se caracterizava como o centro dinâmico do estado através do fortalecimento de sua produção mercantil de alimentos. O segundo período diz respeito aos anos de 1850 em diante, no qual se pôde observar a expansão da cultura cafeeira, se tornando este o principal produto agroexportador mineiro. Claro que o autor não está representando toda a diversidade estadual, mas a centralidade, naquele contexto, das regiões Sul e Zona da Mata, onde a produção de café encontrava maior prosperidade e viabilidade para exportação.

De acordo com dados da Fundação João Pinheiro (2017, p.35), em 1819 as exportações mineiras de café tiveram uma participação de apenas 0,6% do total exportado. Já na década de 1830 as exportações cafeeiras de Minas Gerais alcançaram o 1º lugar no estado, superando às



de algodão, não deixando de pontuar que a economia do estado apresentava características de autossuficiência e abastecimento do mercado interno. Mas a despeito das referidas considerações, não deixa de ser relevante a expansão da cafeicultura mineira, que entre os anos 1865/66 essa variável atinge um patamar de 44,9%, alcançando em 1892 a casa dos 65,7%. É possível observar 3 motivos principais para essa rápida expansão da cultura do café no estado mineiro nos anos 1.800, quais sejam: “fácil obtenção de terras apropriadas ao cultivo, abundância de braços que a mineração dispensara e os elevados preços atingidos pelo café.” (LIMA, 1977, p.2)

A Mata mineira detinha, no século XIX, a maior parte da produção de café do estado. De acordo com Barros (2005), a Zona da Mata era responsável por 90% da produção cafeeira neste século, reflexo das características apropriadas do solo para a plantação desse produto e, em particular, a proximidade com os portos do Rio de Janeiro. As maiores cidades mineiras produtoras de café eram Matias Barbosa, Mar d’Espanha, Rio Preto e Porto Novo da Cunha (atual Além Paraíba), todas localizadas na Zona da Mata. Desse modo, quando se fala da cultura do café em Minas Gerais neste século, refere-se particularmente às características cafeeiras de uma área geográfica específica, na divisa com o Rio de Janeiro.

Tabela 1- Participação da Produção Cafeeira da Zona da Mata na Produção do Estado de Minas Gerais

Período	Minas Gerais	Zona da Mata	%
1847-48	745.381	743.707	99,77
1850-51	900.264	898.184	99,76
1886	5.776.866	4.316.067	74,71
1888	5.047.600	4.433.800	87,83
1903-04	9.404.136	5.993.425	63,73
1926	12.793.977	9.105.543	71,17

Fonte: Pires (2014)

Apesar da importância cada vez maior da cultura do café em Minas Gerais, esta encontrava barreiras ao crescimento devido às fragilidades do sistema de transporte e das técnicas empregadas. Desse modo, o desenvolvimento de ferrovias se fazia necessário para o crescimento da produção. De acordo com De Paula (2002), em 1861 foi criada em Juiz de Fora

a rodovia União & Indústria pelo cafeicultor Mariano Procópio e, apesar de naquele período não ter a mesma eficácia de uma ferrovia, permitiu a continuação da expansão do café, facilitando o escoamento da produção até a região fluminense. Em 1872 foi inaugurada a primeira ferrovia em Minas Gerais, denominada de Leopoldina. Em 1854 foi constituída, “a partir das pressões dos produtores de café, a Companhia de Estradas de Ferro D. Pedro II, que seria responsável pela construção das interligações entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, a partir da capital.” (MARINHO, 2015, n.p)

As ferrovias possibilitaram uma significativa redução de custos para os cafeicultores mineiros, que antes escoavam sua produção através de tropas de muares. Desse modo, assim como ocorreu no Rio de Janeiro e São Paulo, é possível perceber que a cultura do café em Minas Gerais impulsionou o desenvolvimento, a ampliação, e melhorias no transporte, se configurando como uma medida necessária para que o principal produto agroexportador continuasse avançando na mata mineira e sul do estado. O texto “História do café das matas de minas”, elaborado pela Fundação João Pinheiro (2017, p. 40) confirma esse processo:

A consolidação de uma rede urbana nas Matas de Minas está relacionada à expansão da cafeicultura que, por sua vez, impulsionou a abertura de estradas de ferro, cuja finalidade primordial era transportar o café até os portos do Rio de Janeiro, principalmente, e secundariamente para o porto de Vitória, de onde o produto era exportado para o mercado externo. O café da região Sul de Minas seria mais tarde transportado pelas estradas de ferro que rasgaram o oeste paulista e que levavam o café até o porto de Santos.

A acumulação cafeeira também possibilitou o desenvolvimento de instituições financeiras no estado mineiro. Costa (1978), observou que os bancos criados até meados de 1920 estavam localizados em áreas que possuíam como base econômica o café. Foi o caso, por exemplo, do Banco Territorial e Mercantil de Minas (1887) e Banco de Crédito Real de Minas Gerais (1889), ambos inaugurados em Juiz de Fora. Na cidade de Leopoldina foi criada em 1912 a Casa Bancária Ribeiro Junqueira Irmão & Botelho. Também foi constatado o surgimento de bancos na região Sul de Minas, em municípios como Itajubá (Casa Bancária Cia. Industrial, 1912), Santa Rita do Sapucaí (Banco Santaritense, 1914), e Muzambinho (Banco Comércio e Lavoura de Muzambinho, 1906). Todas essas localidades baseavam suas economias nas lavouras de café e gêneros alimentícios.

Em suma, a acumulação cafeeira em Minas Gerais na segunda metade do século XIX foi capaz de criar condições para o desenvolvimento urbano em algumas regiões, possibilitando o avanço do transporte e do sistema bancário, ainda que incipiente. A cafeicultura mineira continuou acelerando, chegando a superar, já no final deste século, a produção fluminense (que passava por uma forte crise). A expansão ocorreu tanto pelo avanço em terras virgens da Mata mineira, quanto pelo fortalecimento da produção na região Sul devido a sua proximidade com São Paulo, que nessa época já era o maior produtor do país. De acordo com Martins (2014), a cafeicultura no Sul de Minas foi capaz de reduzir as disparidades existentes entre suas sub-regiões, impulsionando o seu desenvolvimento através das ferrovias, do avanço urbano-industrial, além de reforçar seu vínculo econômico com a Zona da Mata.

Já na segunda metade do século XX, o Paraná ganha espaço no agronegócio do café frente ao estado de São Paulo. De acordo com a Revista Cafeicultura (2009), na década de 1960 cerca de metade da produção nacional cafeeira estava concentrada nesses dois estados, e em 1963 o estado paranaense se torna o maior produtor do país. A partir dos anos 1970/1980 a produção do estado do Paraná sofre importante retração e é possível observar um deslocamento espacial da produção cafeeira para Minas Gerais. O estado mineiro supera São Paulo e Paraná e passa a ser o maior produtor deste produto no país.

São vários os fatores encontrados na literatura para essa transformação, entre eles podemos citar as condições edafoclimáticas<sup>3</sup>, as questões econômicas como o preço da terra e custo de produção, e os condicionantes institucionais. Duas ações do governo são de extrema importância para falar desse processo: a Política de Erradicação dos Cafezais, que ocorreu entre 1962 a 1967, e o Programa de Revigoração e Renovação dos Cafezais, ocorrido em 1969/1970. O primeiro surgiu após uma forte crise cafeeira na década de 1950 e consequente baixa nos preços deste produto no mercado internacional devido à superprodução. A crescente demanda internacional aliada aos altos preços fez com que fazendeiros expandissem a produção em quantidades muito superiores a demanda, gerando um excesso de oferta e aumento substancial nos níveis de estoque. Como o café era o principal produto agroexportador do país e se configurava como uma importante fonte de divisas, para tentar “defender” este produto o governo lançou um plano de erradicação dos cafezais para acabar com todos aqueles que se encontravam em idade avançada ou que possuíam um baixo nível de produtividade, tendo os produtores a alternativa de produzirem outros tipos de cultura. Já o Programa de Revigoração e Renovação dos Cafezais tinha como objetivo reestabelecer os altos níveis de produção do

---

<sup>3</sup> Aquilo que é relativo ao clima e ao solo.

café, já que com a política de erradicação reduziu-se substancialmente o parque cafeeiro. Desse modo, em linhas gerais, a meta era renovar as plantações de café com mudas mais resistentes e de maior qualidade, fortalecer os cafezais que não foram erradicados, e através da oferta de crédito federal, assistência técnica e difusão da tecnologia proporcionar uma maior produtividade. No âmbito desses dois Planos, Minas Gerais foi o estado que mais obteve resultados satisfatórios, tanto na questão de erradicação, uma vez que o estado possuía muitos cafezais já em idade avançada, afetando a produtividade, quanto no que se refere à renovação e revigoração, pois Minas foi o estado que mais se beneficiou da oferta de crédito disponibilizado por este Programa. (ANDRADE, 1994)

Outro elemento que contribuiu para Minas Gerais se tornar líder na produção cafeeira foi a forte geada que atingiu São Paulo e Paraná em 1975, maiores produtores de café no período. Segundo Pelegrine; Simões (2010, p.3), “100% dos cafezais do Paraná, 80% dos de Mato Grosso, 66% dos de São Paulo e apenas 10% dos cafezais de Minas Gerais foram afetados pela geada.” (Apud Caixeta, 1977)

Assim sendo, a significativa queda na produção de café devido este problema climático fez com que a área de Minas Gerais se tornasse uma importante alternativa de plantação cafeeira, pois a incidência de geada nesse estado era menor.

De acordo com Pelegrine; Simões (2010), as políticas do governo federal como o Programa de Assentamento Dirigido ao Alto Paranaíba, (PADAP, 1973), Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO, 1975) e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER, 1978), afetaram diretamente a cafeicultura no cerrado mineiro, pois essas políticas tinham como objetivo comum a criação de extensas lavouras nas áreas do cerrado para a produção de commodities destinadas à exportação; assim, incentivaram a expansão do café em Minas Gerais por difundir tecnologias para a correção do solo ácido, e, até então, considerado inapropriado para o cultivo do café no cerrado mineiro. Além disso, esta região também contou com os recursos do Programa de Revigoração e Renovação dos Cafezais para o melhor desenvolvimento deste produto. Desse modo, foram incorporadas novas áreas de produção em Minas Gerais, influenciando para este se tornar líder na cultura do café.

A economia brasileira sofreu várias mudanças nas décadas de 1980/90 por conta da crise da dívida externa, o descontrole inflacionário e da subsequente onda neoliberal que atingiu o país. Desse modo, a agricultura, que era extremamente protegida pelo governo, sofre um processo de desregulamentação, afetando também a cafeicultura. Dentro desse contexto, o governo estadual lança em 1990 o Certificafé (Programa do Governo de Minas de Incentivo à

Certificação de Origem do Café) em Minas Gerais, visando o incentivo à qualidade do produto. (DUTRA; MACHADO; CASTRO, 2009)

Em suma, a trajetória do café no estado mineiro propiciou o desenvolvimento de várias regiões, em que pese a partir dos anos 1990, quando a economia brasileira adotou um viés mais liberal, os cafeicultores conseguiram se reorganizar e desenvolver estratégias para concorrer no acirrado mercado internacional através da criação de órgãos normativos e também com a valorização do selo de qualidade da Associação Brasileira da Indústria de Café - ABIC. Assim, como o maior estado produtor de café do país, “Minas Gerais tem a economia de grande parte de seus municípios baseada no agronegócio cafeeiro, que pode ser considerado como um fator de desenvolvimento regional.” (SILVA; SANTOS; LIMA, 2001, p. 1-2)

## **1.2. O desenvolvimento do café no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**

A Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, também conhecida como Cerrado Mineiro, é uma das mais desenvolvidas e ricas não somente do estado de Minas Gerais, mas, também do Brasil. Nela está localizada uma importante rede urbana, em cujos municípios pode-se destacar uma diversificada produção industrial, com predomínio do setor de agroindústria, uma próspera atividade comercial, bem como um setor de serviços bem desenvolvido. Podemos citar alguns exemplos. O município de Uberlândia abriga o segundo maior contingente demográfico de Minas Gerais, atrás apenas da capital mineira. É o maior centro atacadista da América Latina, devido sua localização privilegiada e possui um importante parque de serviços, com destaque para telecomunicações e educação. Sua estrutura logística e a grande área de produção de alimentos dessa região permitiu uma importante atração de empresas do setor industrial, predominantemente ligadas ao processamento de bebidas, alimentos e melhoramento genético de plantas e animais, muitas delas, grandes multinacionais, como AMBEV, Coca Cola, Cargill, Souza Cruz, Monsanto, dentre tantas outras. Além disso, possui um setor de serviços extremamente exuberante. O mesmo pode-se dizer da cidade de Uberaba, a qual possui um setor industrial muito forte e uma agricultura e pecuária muito desenvolvidas. Patos de Minas, Ituiutaba, Araguari, Patrocínio, Araxá também são importantes cidades da região, e possuem economias relativamente fortes e também desenvolvidas.

A tabela 2 mostra a quantidade populacional dos principais municípios da região, sendo Uberlândia, Uberaba e Patrocínio os três mais populosos.

Tabela 2- Quantidade populacional dos principais municípios do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste de Minas 1991-2020

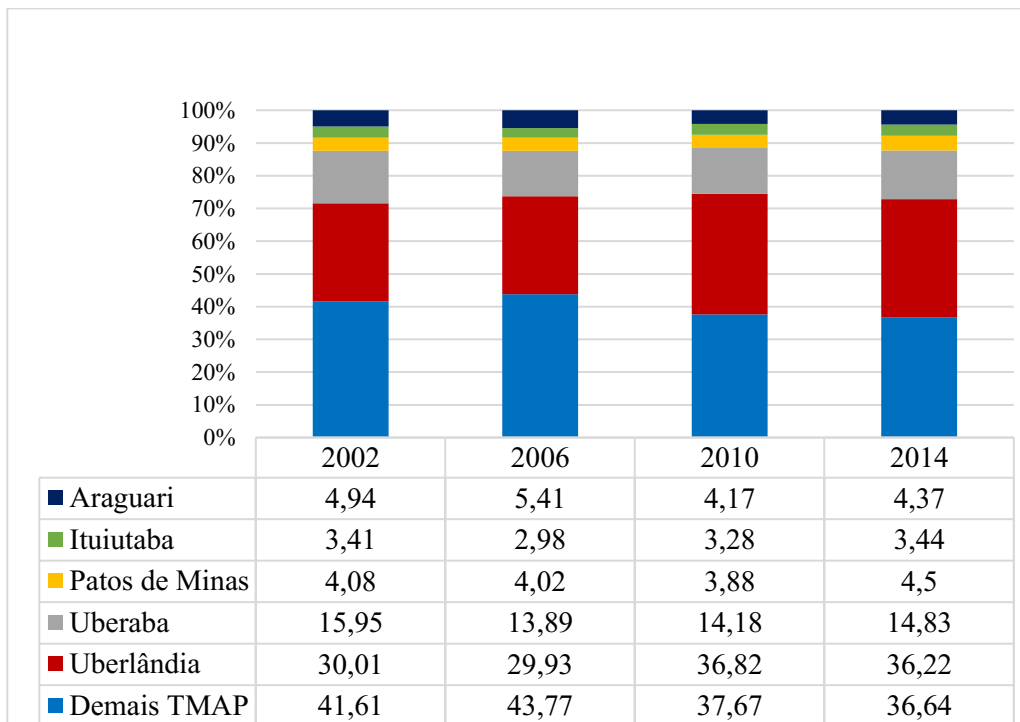
Municípios	População 1991	População 2000	População 2010	Projeção 2020
Uberlândia	367.061	501.214	604.013	699.097
Uberaba	211.824	252.365	295.988	337.092
Patos de Minas	102.946	124.056	138.710	153.585
Araguari	91.283	101.974	109.801	117.825
Ituiutaba	84.577	89.091	97.171	105.255
Araxá	69.911	78.997	93.672	107.337
Patrocínio	60.753	73.278	82.471	91.449

Fonte: IBGE

A população das principais cidades da região cresceu nos últimos 30 anos. E, levando-se em consideração apenas os últimos 20 anos (portanto, tomando como base o ano de 2.000), cabe ressaltar que todas as sete cidades citadas acima tiveram crescimento populacional expressivo, sendo, Patrocínio 24%; Patos de Minas 23%; Ituiutaba 18% e Araguari 15%; já as cidades de Uberlândia, Araxá e Uberaba merecem, ainda, mais destaques, tendo em vista que tiveram crescimento populacional, nesse período, respectivamente, de 39%; de 35% e de 33%.

O gráfico 1 demonstra a participação dos cinco maiores municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – TMAP – no PIB total da mesorregião. É possível observar que Uberlândia e Uberaba são os que mais contribuem para o PIB da mesorregião, alcançando juntos um patamar de 51% no ano de 2014, mais da metade do PIB do TMAP.

Gráfico 1 - Participações dos cinco maiores municípios do TMAP no PIB



Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA.

Elaboração CEPES/IEUFU.

Entretanto, mesmo com uma indústria e comércio fortes, a grande maioria das cidades da região se desenvolveu, e ainda se desenvolve graças à produção agropecuária desenvolvida em uma extensa área de cerrado de Minas Gerais, e Centro Oeste. Inclusive, algumas das cidades mais desenvolvidas da região, como Araguari, Patrocínio e Monte Carmelo (essas três cidades são nosso principal foco de trabalho) têm suas economias alavancadas na atividade cafeeira.

Mas, como e quando a região se tornou um dos principais polos produtores de café do estado de Minas Gerais? Saes; Jayo (1997) destacam que, até a década de 1970, a pecuária era a principal produção primária na mesorregião, mas esta perdeu espaço para os cafezais. A partir desta década, vários cafeicultores vindos de São Paulo e Paraná se instalaram no cerrado mineiro devido aos preços mais atrativos da terra e também para fugir das fortes geadas que atingiram esses estados, visando impedir, dessa maneira, que oscilações muito bruscas na produção prejudicassem as exportações, e, conseqüentemente, a entrada de divisas.

Conforme Ortega; Jesus (2012), pode-se dizer que o desenvolvimento do café na região teve início a partir dos anos 1960 com a política de modernização da cafeicultura brasileira. Tal política tinha como objetivo erradicar os cafeeiros de baixa produtividade. É importante

ressaltar que essa política contou com forte apoio governamental, e envolveu diversos órgãos do governo, como o Tesouro Nacional e Banco do Brasil, além de outros agentes financeiros. Assim, foi implantado o PRRC (Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais). O objetivo do Plano era aumentar a produção e a produtividade do café, e, então, áreas climaticamente favoráveis, com menor propensão de geadas, por exemplo, passaram a ganhar muita importância. Nesse sentido, a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foi bastante beneficiada, pois, possuía e ainda possui condições climáticas propícias à produção do café, com reduzida possibilidade de geadas, áreas mais planas (o que favorece a mecanização), “temperatura média de 18°C a 22°C; altitude entre 850 a 1.250 metros; chuvas concentradas nos meses de setembro a abril, com índice pluviométrico em torno dos 1.600 mm anuais.”(ORTEGA; JESUS, 2012, n.p)

Entretanto, além das condições climáticas favoráveis, outros fatores também foram preponderantes para o desenvolvimento da cultura cafeeira na região. Através das pesquisas e estudos técnicos realizados pelas instituições governamentais, houve o desenvolvimento de máquinas e equipamentos mais sofisticados, ou seja, ocorreu um avanço tecnológico e uso mais intensivo em capital, mas, além disso, ocorreram também, e, porque não, menos importantes, inovações físico químicas: técnicas mais avançadas de adubação do solo, de plantio, de irrigação, de colheita, etc. Assim, em 1972 o Cerrado foi reconhecido como região cafeeira pelo extinto IBC, propiciando condições para investimentos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias. Diversas cooperativas de produtores de tradicionais regiões cafeeiras se instalaram no Cerrado, além da formação de vários núcleos locais, possibilitando a expansão da cafeicultura.

Devido a essa conjugação de fatores, (ORTEGA; JESUS, 2012):

...boa parte dos municípios das microrregiões de Paracatu, Pirapora, Uberlândia, Patrocínio, Patos de Minas, Uberaba, Araxá e Piumhi, no estado de Minas Gerais (que aqui é denominado de Cerrado Mineiro), foi contemplada, direta ou indiretamente, com os recursos do PRRC, com destaque para as microrregiões Uberlândia, Patrocínio e Patos de Minas. Intensificou-se a expansão da cafeicultura em uma região pouco tradicional no cultivo da cultura, o que culminou, nos anos 2000, em uma das atividades cafeeiras mais desenvolvidas do país.

Desse modo, se antes a produção cafeeira no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba era voltada apenas para a subsistência, as transformações socioeconômicas e espaciais que



ocorreram a partir dos anos 1970 fizeram com que esta região fosse palco de uma nova produção cafeeira, totalmente moderna e intensiva em insumos e mecanização. Já na década de 1990 a região do cerrado mineiro alcançou a posição de segunda maior produtora de café do Brasil, contribuindo para que o país se tornasse um dos maiores produtores e exportadores de café do mundo. (VERÍSSIMO, 2015)

Além do avanço quantitativo, outro aspecto de grande relevância foi o crescente reconhecimento qualitativo do café do cerrado, que tem ajudado na inserção nacional e internacional da produção regional.

É importante ressaltar que a participação das cooperativas também teve um papel crucial para o fortalecimento da cafeicultura no cerrado mineiro (este tema será abordado de forma mais aprofundada no capítulo 2). Porém, já adiantamos aqui, que além de ajudar no processo de comercialização e financiamento da produção, as cooperativas de café que atuam na região tiveram um papel decisivo no fortalecimento da marca “Café da Região do Cerrado Mineiro”. Com o apoio destas estruturas foi criada uma marca de identificação geográfica, o café do cerrado, que passou a ser sinônimo de qualidade e referência comercial. Em decorrência desta comunhão de interesses acredita-se ter criado uma espécie de unidade entre os produtores da região, os quais passaram a se preocupar cada vez mais com a produtividade e a qualidade do produto. Como resultado, no ano de 2005, foi conquistada a Indicação de Procedência (IP) junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), que em 2010 foi acrescida da Denominação de Origem (DO) “Café da Região do Cerrado Mineiro”. Este processo possibilitou à região ser a primeira a obter esse certificado, em se tratando de café. Tanto a IP quanto a DO se referem à indicação geográfica, conforme explicado pela Revista Globo Rural (2014),

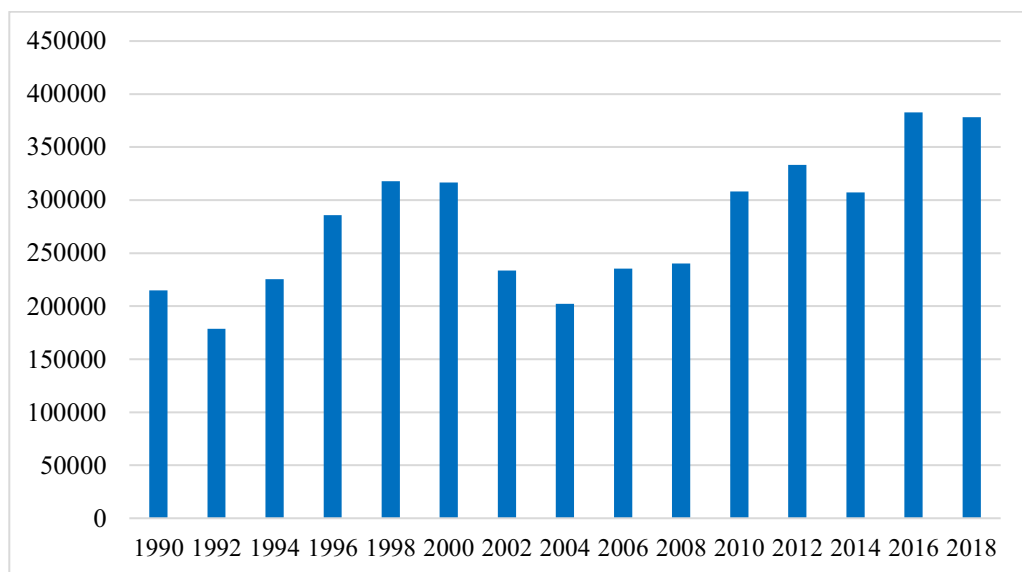
Indica que um produto ou serviço possui características essencialmente relacionadas ao meio geográfico, o que envolve fatores naturais como clima, solo e relevo, e também humanos. Na prática funciona como um atestado de que o café com as características do Cerrado Mineiro só pode ser obtido na região

Atualmente, o Cerrado Mineiro é composto por 55 municípios, possui 4.500 produtores de café e tem uma produção anual média estimada em 6 milhões de sacas. Em 2018, a produção da região correspondeu a 23% do total produzido pelo estado. (CONAB, 2018)

Em suma, a cafeicultura na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, como epicentro da cafeicultura do cerrado mineiro, desenvolveu-se, inicialmente, a partir de uma série de

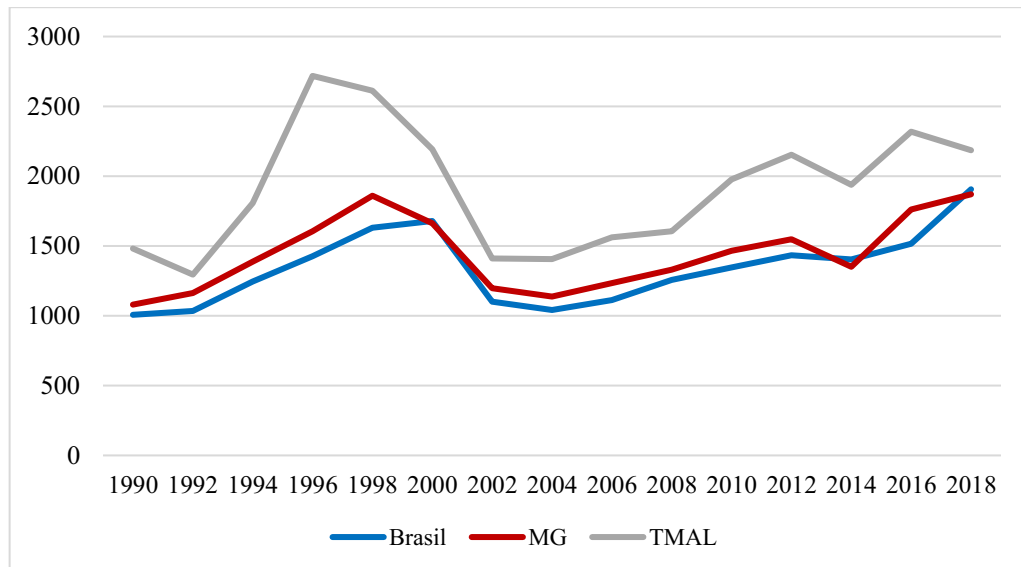
fatores: políticas governamentais, condições climáticas e pelo pioneirismo na utilização dos avanços tecnológicos da Revolução Verde, se caracterizando como a região mais desenvolvida na produção de café, com uso cada vez mais intensivo de tecnologia. Os gráficos 2 e 3 mostram, respectivamente, a expressiva quantidade de café produzida na referida região, e, também, como o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba possuem produtividade bem acima da média, não somente em relação ao estado de Minas Gerais, mas, também com relação ao Brasil.

Gráfico 2 - Quantidade produzida (em toneladas) de café na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba nos anos de 1990 a 2018



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Gráfico 3- Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

## 2. A IMPORTÂNCIA DO CAFÉ PARA OS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE CARMELO E PATROCÍNIO

Feitas as considerações de ordem geral, a partir de agora daremos ênfase no quão importante a produção de café é para os municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Nosso objetivo é demonstrar que o café fortaleceu a importância econômica desses três municípios a partir de 1970, através do Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais (PRRC) adotado pelo governo federal. Como já mostrado no capítulo I, esse Plano tinha como um dos objetivos expandir a cultura cafeeira para outras regiões até então não exploradas pelo café. Desse modo, a mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foi uma das regiões escolhidas para essa expansão, tendo sido estas três cidades beneficiadas diretamente com o Plano. Vale lembrar que a região do Triângulo Mineiro era considerada inadequada para o plantio de café devido à acidez do solo e terras consideradas pouco férteis, e foi justamente o PRRC junto com outros programas do governo voltados para o cerrado, como o POLOCENTRO (1975), PRODECER (1978) e PADAP (1973), que possibilitou a correção desses problemas através de avanços tecnológicos voltados para a agricultura. Exemplos disso foram a utilização do calcário para correção da acidez do solo – que na época era novidade –, o processo de irrigação, a aplicação de fertilizantes, além do fato de que o relevo plano do cerrado

impulsionou o uso de máquinas agrícolas no campo. Desse modo, a inserção de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio como polos de expansão da cafeicultura ocorreu dentro desse processo de políticas governamentais para o desenvolvimento do cerrado e para a expansão do parque cafeeiro nacional. Também é muito importante destacar que o avanço desta atividade no território destes municípios e dos municípios ao redor ocorreu em consonância com uma política induzida de mecanização e incorporação intensiva dos avanços tecnológicos, colocando a região como uma das mais modernas do país na produção da cultura.

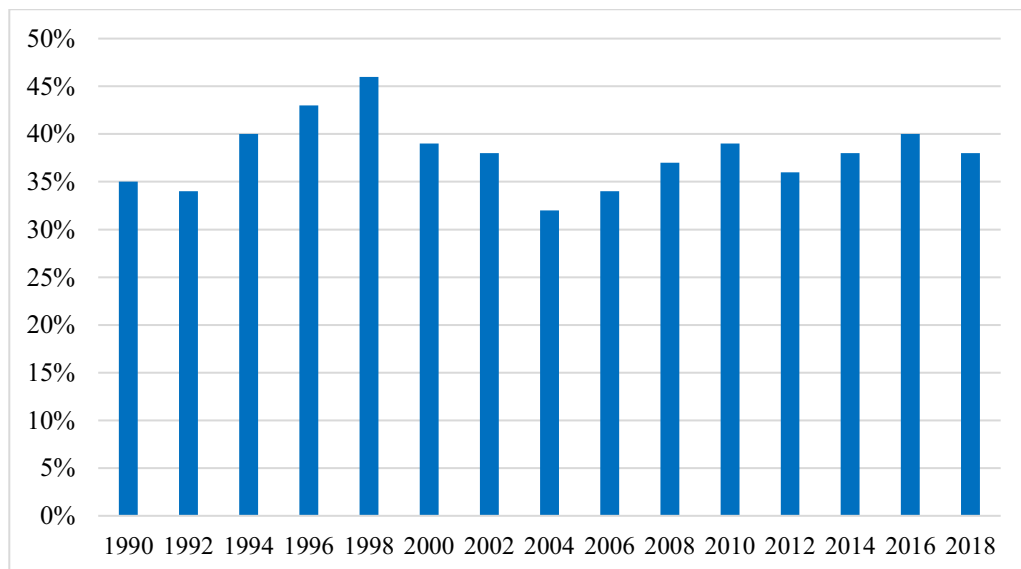
De acordo com Silva R.; Silva G. (2012), além do PRRC, outro fator que também impulsionou a cafeicultura nesses municípios foi a forte geada que atingiu os cafezais do Paraná na segunda metade da década de 1970, até então considerado o maior produtor de café do país, fazendo com que muitos agricultores migrassem para o Cerrado Mineiro em razão das melhores condições climáticas, além também do preço da terra ser mais atraente nessa região. Desse modo, o que se observou durante as décadas de 1970 e 1980 foi o avanço e a consolidação da cultura do café nesses municípios e entorno, que se transformaram na nova “casa” de produtores com experiência e conhecimentos adquiridos em outras regiões mais tradicionais, como Sul de Minas e Oeste do Paraná. Neste período, apesar da modernização no processo de produção, o café produzido na região ainda não possuía essa diferenciação em questão da qualidade como se observa nos dias atuais, até porque foram necessários muitos investimentos para se alcançar o patamar conquistado hoje. Embora os novos produtores tenham trazido na bagagem capital humano e financeiro, a adaptação da cultura ao cerrado não deixava de ser um grande desafio, que demandou apoio público de infraestrutura e assistência técnica.

Ou seja, a chegada do café no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba foi reflexo, não somente, de um aparato de políticas públicas voltadas para a expansão da cafeicultura em novos espaços geográficos, mas também por um “processo geral de desconcentração do espaço rural brasileiro como um todo, isto é, acompanhando sua expansão em direção à região dos cerrados e ao norte do país. Nesse movimento se destacou a região do Triângulo Mineiro (...).” (IBGE, 206:31)

Conforme Vale, Calderaro e Fagundes (pg.11, 2014), os primeiros municípios da região do TMAP a serem habitados pelos cafeicultores paranaenses foram Araguari e Patrocínio e, posteriormente Monte Carmelo. Estes municípios acabaram se tornando os núcleos centrais de dispersão da área plantada com cafeicultura para outros municípios vizinhos. De acordo com dados do IBGE, Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, em conjunto, representaram no ano de 1998 46% da área total produzida (em toneladas) da região do TMAP. Em 2018, esse valor foi de 38%, ou seja, esses três municípios em conjunto já foram responsáveis por aproximadamente

metade da produção total da região, e, mesmo com uma queda relativa na participação, ainda respondem por quase 40% da produção total da mesorregião. Mas é importante destacar que a lavoura de café não fica circunscrita aos limites territoriais dos municípios principais, se estendendo para os municípios vizinhos, sem, contudo, dispersar na mesma proporção o comando sobre a comercialização do produto e os multiplicadores da renda local. O gráfico 4 mostra a evolução da participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio na produção de café do TMAP.

Gráfico 4 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio na produção de café (em toneladas) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

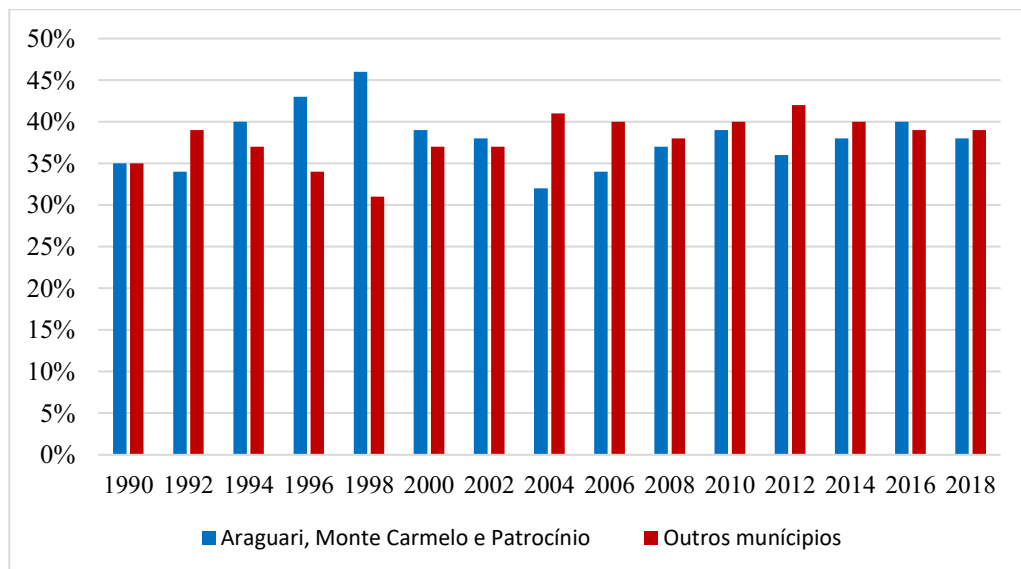


Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

De acordo com a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé, as principais cidades produtoras de café do cerrado mineiro são Patrocínio, Monte Carmelo, Araguari, Patos de Minas, Campos Altos, Unaí, Serra do Salitre, São Gotardo e Carmo do Paranaíba. Desse modo, conforme dados do IBGE, foi feito um comparativo da produção cafeeira de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, os três municípios de análise desse estudo, e os demais municípios que são considerados os mais importantes da região, em relação ao total produzido no TMAP.

De acordo com o gráfico 5 é possível observar a importância que Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio possuem em conjunto na produção de café do TMAP em relação aos demais municípios produtores. Em 1998, aproximadamente metade da produção cafeeira da região estava concentrada nos três municípios foco desse estudo, com um valor de 46%. Em 2008, mesmo com queda da participação na produção cafeeira desses três municípios, ainda assim, continuou bastante expressiva, representando 37% do total. E nos últimos 10 anos (entre 2008 e 2018) continuou, praticamente, no mesmo nível, com participação na casa dos 38% do total.

Gráfico 5 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio e das demais cidades na produção de café (em toneladas) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

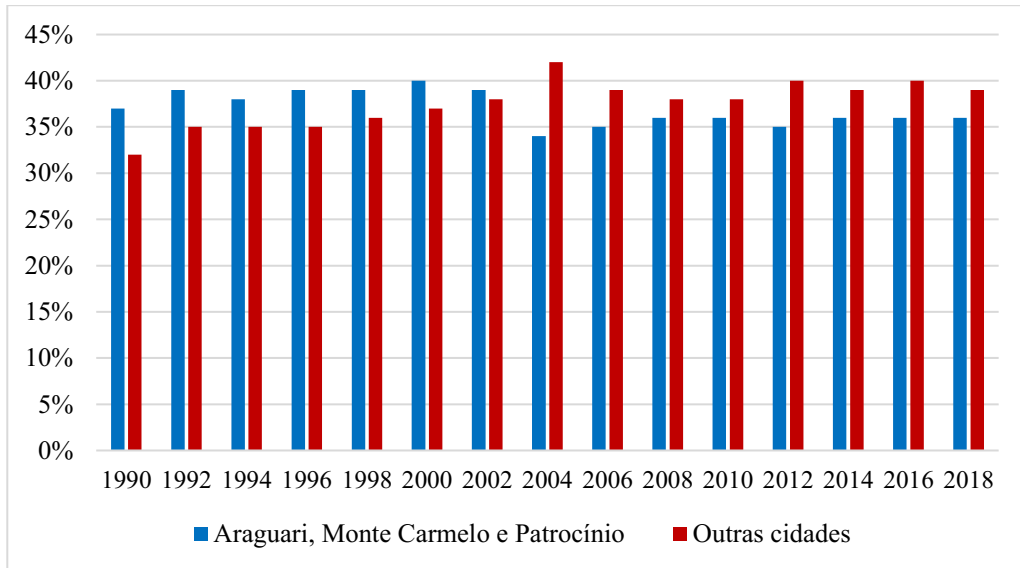


Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs: Outros municípios representados por Campos Altos, Carmo do Paranaíba, Coromandel, Patos de Minas, Serra do Salitre, Unai e Rio Paranaíba.

De acordo com o gráfico 6, em relação à participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio no total da área colhida no TMAP, esses três municípios em conjunto tiveram um resultado de aproximadamente 40% entre os anos 1990 – 2002, superando os demais municípios na sua totalidade. Após 2002, os três municípios foco desse estudo tiveram queda na participação relativa da área colhida conjunta de café, e foram ultrapassados pelo somatório dos demais municípios, porém, mesmo assim, continuaram com uma área individualizada crescente e elevada.

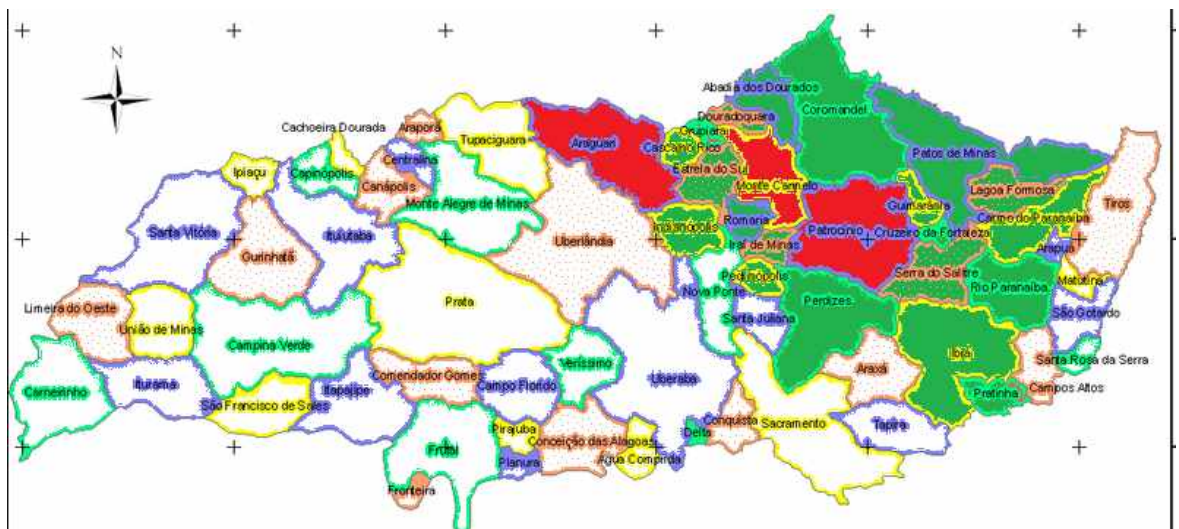
Gráfico 6 - Participação relativa de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio e das demais cidades na área colhida (em hectares) do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Obs: Outros municípios representados por Campos Altos, Carmo do Paranaíba, Coromandel, Patos de Minas, Serra do Salitre, Unai e Rio Paranaíba.

Figura 1- Municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: com destaque para os territórios do café

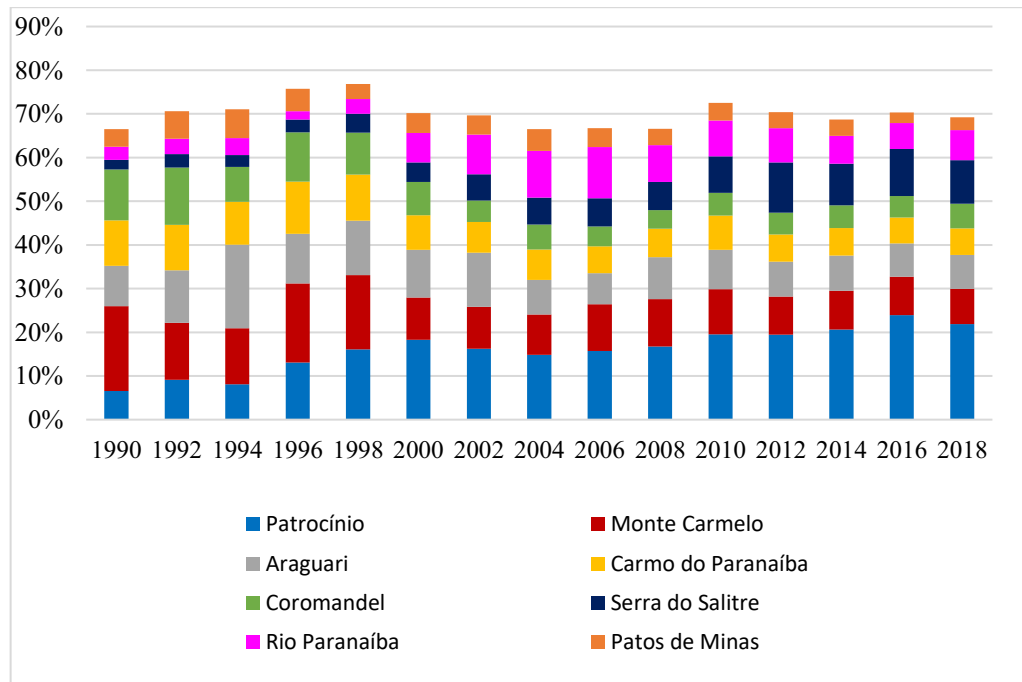


O mais relevante é entender o comando da atividade cafeeira, que reconhecidamente concentra os produtores e empresas de comercialização e prestação de serviços nestes três municípios. Portanto, o alargamento do raio de extensão da produção regional, ultrapassando as fronteiras dos três municípios, ainda que produza uma queda relativa da participação dos três municípios em termos de área plantada e produção, não revelam necessariamente a perda de centralidade dos mesmos em termos de comando e benefícios econômicos da produção de café e diversificação das atividades econômicas nos municípios.

Outro ponto importante a se destacar, conforme demonstrado no gráfico 7, é que os municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio sempre foram responsáveis por parcela expressiva da produção de café na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. De acordo com os dados, é possível observar que, desde que o café se fortaleceu na mesorregião do TMAP, houve um destaque de produção para os três municípios, e, também cabe frisar, o quanto o município de Patrocínio foi se tornando cada vez mais importante na produção de café, não só no estado de Minas Gerais, como também no Brasil, chegando a ser o maior produtor individual do país em vários anos. Entretanto cabe lembrar que embora o valor absoluto seja relevante, não se pode esquecer que os municípios possuem dimensões de áreas territoriais totais e áreas agricultáveis distintas, tornando a comparação absoluta apenas uma variável de referência. E considerando que a cafeicultura desenvolvida nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio compartilham em comum entre eles e com outros municípios limítrofes, áreas contíguas de expansão da cafeicultura, os registros unitários da produção municipal de café não expressam necessariamente a importância da atividade em cada situação local.



Gráfico 7 - Participação relativa dos principais municípios produtores de café na produção total do TMAP (%)



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Conforme já dito em linhas anteriores, os municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio estão localizados no Triângulo Mineiro, uma das regiões que experimentou um grande desenvolvimento a partir da década de 1950, conforme Guimarães (2010). Além disso, estão muito próximos das cidades de Uberlândia e Uberaba, as duas maiores da região. Estas duas cidades são muito prósperas do ponto de vista econômico e social, e são muito fortes nos setores de comércio, serviços e industrial, além de serem polos de educação. Entretanto, mesmo as cidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio estando localizadas tão próximas desses importantes centros comerciais e industriais e sofrendo dos seus efeitos de polarização (Hirschman, 1961; Perroux, 1966 e Myrdal, 1972) suas economias encontraram na produção do café uma alternativa de complementariedade regional. Assim, com o desenvolvimento da cafeicultura, que não é encontrada em quantidade significativa nos dois referidos principais polos regionais, a produção e comercialização em larga escala dessa *commodity* nos três municípios da região, possibilitou, através do seu efeito multiplicador, gerar um impacto positivo nos empregos e renda local. Cabe ressaltar que esses três municípios são conhecidos como alguns dos maiores produtores de café de qualidade do Brasil. (ACA, 2018).

Desse modo, a análise do deslocamento espacial do café no Brasil, na qual houve um movimento de São Paulo para Paraná, e depois de Paraná para Minas Gerais, envolve,

consequentemente, as macrorregiões desses estados, onde em Minas Gerais se destacam a região Sul de Minas, Zona da Mata e TMAP. Pode-se afirmar, enfim, conforme IBGE (2016:31)

“A dinâmica territorial do café na atualidade possui importância marcante em determinadas regiões do espaço rural brasileiro nos quais o café constitui, senão o segmento econômico dominante, um dos que possuem importância não só em termos de ocupação e uso da terra, como, principalmente, em termos das relações em rede, de natureza socioeconômica e, mesmo, política, estabelecidas no interior do território brasileiro e entre este e o mundo.”

A partir deste ponto o objetivo é demonstrar a relevante importância que a produção de café e seus efeitos multiplicadores têm especificamente para os municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Porém, antes de falarmos sobre cada município, é feita uma breve descrição sobre a criação e fortalecimento das associações e cooperativas de cafeicultores, e os quais importantes e essenciais elas são para o desenvolvimento da cafeicultura no Cerrado Mineiro.

## **2.1 O surgimento das cooperativas e a importância das Associações e Cooperativas de cafeicultores para o desenvolvimento da cultura do café no Cerrado Mineiro**

É inegável, como veremos a seguir, que as cooperativas de cafeicultores foram e ainda são fundamentais para o desenvolvimento e fortalecimento da cafeicultura na Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, especialmente nos três municípios foco do nosso trabalho, quais sejam, Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Mas, qual o conceito técnico de cooperativa, e quando começaram a surgir no cenário econômico brasileiro?

Tecnicamente, o termo cooperativa refere-se a uma sociedade de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de ordem civil, não sujeita à falência, constituída para prestar serviços aos associados.

Com relação à origem das cooperativas de cafeicultores no Brasil, Souza; Neto (2004) destacam que “alguns fatos interessantes chamam a atenção com relação às datas de fundação das cooperativas de café e aos fatores relevantes para a constituição dessas organizações”. Para ele, não se tem informação sobre a existência de cooperativas de café antes da década de 1930 e a formação de algumas delas, imediatamente após aquele período, está estreitamente ligada à crise do café.

Mas, qual a razão para se dá tanta ênfase na importância das cooperativas para os cafeicultores? Um dos motivos que podemos citar, talvez, o mais óbvio de todos, é, que, quando vários produtores de café se unem em prol de objetivos comuns, passam a ter vantagens para comercializar/vender o café, mas, também, para adquirir insumos e, inclusive, têm mais força para fazer reivindicações políticas junto ao poder público. Conforme Vale; Calderaro; Fagundes (2014, p.3), “merece destaque nessa cadeia, o papel das cooperativas, presentes tanto nas fases de beneficiamento e processamento do café, quanto na venda para os mercados interno e externo”. (Apud Reis, 2009). Elas funcionam como um agente financeiro que, ao conceder crédito aos seus cooperados, acabam também por “viabilizar a aquisição de insumos, máquinas e implementos agrícolas para a modernização da sua produção, com a ideia de tornarem-se competitivas no mercado internacional.”

Assim, fica evidente que as cooperativas de cafeicultores localizadas nos três municípios foco do nosso trabalho – Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio – tiveram e ainda têm papel extremamente relevante para a centralidade regional, o desenvolvimento e o sucesso da atividade cafeeira em seus territórios.

O café se caracteriza como uma importante fonte de receita para diversos municípios, além de ser relevante para a criação de postos de trabalho na agricultura brasileira. Os expressivos desempenhos da exportação e do consumo interno conferem sustentabilidade econômica ao produtor.

Pelo efeito da multiplicidade de regiões empenhadas na cultura do café, a diversidade de climas, relevos, altitudes e latitudes, o Brasil produz diversos tipos de grãos, o que permite atender às diferentes demandas de preço e gosto dos consumidores brasileiros e estrangeiros. Esta pluralidade também possibilita o desenvolvimento de diversas misturas, como por exemplo, os cafés suaves, ácidos, encorpados, além de cafés aromáticos e especiais. E embora o Brasil ainda seja mais reconhecido internacionalmente como grande produtor do que um produtor de qualidade, algumas áreas do país vem apresentando grandes avanços em termos de produtividade e qualidade do produto.

No que se refere ao Cerrado Mineiro, com destaque aos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, a produção agrícola se desenvolveu inicialmente através dos decisivos incentivos financeiros e de assistência técnica proporcionados pelo Estado. Após uma década de desenvolvimento amparado pelas políticas públicas - década de 1970 -, a situação começou a mudar em meados dos anos de 1980, pois começou a ficar mais explícito o esgotamento fiscal do governo brasileiro. Vale ressaltar que nesse período não havia incentivo para a produção de café diferenciado e nem o interesse dos produtores em agregar valor ao produto, uma vez que

o Estado, através do Instituto Brasileiro de Café, atuava de forma a equilibrar a produção e os preços, o que acabava por favorecer a quantidade e não a qualidade. Foi nesse cenário que os cafeicultores do Cerrado Mineiro se articularam e pensaram em estratégias para fortalecer o *agrobusiness* café na região com o intuito não só de amenizar possíveis riscos e oscilações de preços, como também tornar a região mais competitiva frente aos novos desafios. Desse modo, foram criadas cooperativas nos diversos municípios onde a cafeicultura se expandiu, com destaque para as localidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, entre outras associações e cooperativas que tiveram um papel fundamental para a valorização do café do cerrado mineiro. Entre elas podemos destacar a Associação dos Cafeicultores de Araguari – ACA (1984), Associação dos Cafeicultores da Região de Patrocínio - ACARPA (1986), Associação dos Cafeicultores de Monte Carmelo - AMOCA (1993), e as cooperativas, como por exemplo, a Coocacer (Cooperativa de Cafeicultores da Região do Cerrado Mineiro), fundada em 1993 com sede em Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, a Cooperativa Agrícola de Monte Carmelo (Coopermonte) em 1995, entre outras. Em 1995, as três unidades da COOCACCER se juntaram e criaram em Patrocínio a Central de Cooperativas do Café do Cerrado – EXPOCACCER, com capacidade para armazenar até 500 mil sacas de café. Em 1999, a COOCACCER incorporou a marca da EXPOCACCER à razão social da cooperativa e uniram as atividades de armazenamento com a comercialização do produto para o mercado externo. Atualmente, a EXPOCACCER é capaz de armazenar 800 mil sacas e possui mais de 560 cooperados, realizando o serviço de exportação para 29 países. (EXPOCACCER, 2020)

Conforme Azevedo (2018), a ACARPA teve um papel importante para a valorização do café no cerrado mineiro, pois ela foi a responsável por estimular a criação de novas associações nas demais cidades da região e também por incentivar a adoção de uma estratégia comum entre os cafeicultores. Além do mais, a associação em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais (SEBRAE-MG) ofereceu suporte técnico e mercadológico aos produtores.

Em 1989, ainda dentro do contexto de desregulamentação da economia brasileira, o governo se retirou do Acordo Internacional do Café<sup>4</sup> (AIC) e eliminou o Instituto Brasileiro de Café<sup>5</sup> (IBC), e o que se observou após isso foi uma acentuada queda do preço do café no

---

<sup>4</sup> Conforme Nascimento (2014), foi um Acordo criado em 1962 e contou com a adesão dos principais países produtores e consumidores de café, onde o sistema de quotas foi utilizado como o principal mecanismo de intervenção para a política de manutenção de preços.

<sup>5</sup> Criada no Brasil em 1952, foi uma entidade autárquica responsável pela elaboração de políticas para o setor.

mercado internacional, - considerada uma das mais baixas da história – tendo afetado, consequentemente, os produtores brasileiros. Em suma, foi com a retirada da proteção do Estado ao setor – comprando os excedentes e sustentando o preço em épocas de crises, fornecendo crédito subsidiado, elaborando políticas – que começou a se observar os diferenciais quanto ao clima e ao solo que a região mineira possuía e que serviriam de base para valorizar o produto.

Vale a pena destacar o papel que uma empresa italiana de café, a Illy Café, desempenhou nesse processo. Na década de 1990, esta empresa importava significativos volumes de café do Brasil para a fabricação de uma linha gourmet de café *espresso* italiano, e 70% do produto brasileiro era usado na produção do *blend*. Desse modo, a empresa decidiu criar no ano de 1991 um concurso para avaliar os melhores cafés do país, denominado “Prêmio Qualidade do Café Para Espresso”. Os vencedores, além de ganharem fama, reconhecimento e prêmios, também recebiam uma remuneração maior que a de mercado pela Illy Café devido à qualidade superior do café produzido. Desde o primeiro concurso - que obteve bastante repercussão e divulgação no setor cafeeiro - o Cerrado Mineiro se destacou dos demais, tendo sido todos os vencedores do ano de 1991 dessa região. Uma pesquisa realizada sobre o tema revelou que os municípios de Monte Carmelo e Araguari tiveram a maior quantidade de vitórias do concurso entre os anos de 1991 e 2005. (RABELO; FERNANDES, 2007)

Tabela 3 - Distribuição dos premiados por município do Cerrado de Minas Gerais durante os prêmios de qualidade do café para espresso – 1991/2005

Municípios	Produtores premiados	Participação (%)
Monte Carmelo	17	11,33
Araguari	14	9,33
Carmo do Paranaíba	8	5,33
Serra do Salitre	7	4,67
Romaria	6	4,00
Coromandel	5	3,33
Patrocínio	5	3,33
Rio Paranaíba	4	2,67
Campos Altos	4	2,67
Indianópolis	4	2,67
Araxá	2	1,33
Patos de Minas	2	1,33

Presidente Olegário	1	0,67
São Gonçalo do Abaeté	1	0,67
São Gotardo	1	0,67
Total	81	54,00

Fonte: Rabelo; Fernandes (2007)

De acordo com a tabela 3, é possível observar que do total de vencedores do Prêmio Illy Café nos anos de 1991 a 2005, 54% faziam parte da região do Cerrado Mineiro. E dentre as cidades da região, a que mais obteve o título foi Monte Carmelo, representando 11,33% do total, seguida de Araguari e Carmo do Paranaíba, com participações de 9,33% e 5,33%, respectivamente.

Esse concurso anual promovido pela empresa italiana incentivou os produtores locais a investirem cada vez mais no nicho de cafés especiais, e para isso o papel das associações e cooperativas foi de fundamental importância.

De acordo com Ortega; Jesus (2012), da união das associações estabelecidas nos municípios da região nasceu, em 1992 e com sede em Patrocínio, o Conselho das Associações de Cafeicultores do Cerrado (CACCCER), com a finalidade de fortalecer a cafeicultura do cerrado mineiro, incentivar a produção de café de qualidade e representar os interesses políticos e econômicos da classe. Os produtores associados possuem o direito de adquirir selo de qualidade do produto e certificação de origem.

Nas palavras de Saes; Jayo: (1997; pag 2)

No início dos anos 90 surgiu um modelo inovador de organização dos produtores: o Conselho das Associações de Cafeicultores do Cerrado – CACCER. (...) ele nasceu reinventando o agronegócio café. Desde o princípio, suas ações se pautam de acordo com um objetivo bem determinado: valorizar pela qualidade o café produzido na região.

Foi devido aos esforços do CACCER que a região do cerrado mineiro conseguiu a autorização para o uso da marca “Café do Cerrado” em julho de 1993, e assim foi dado o primeiro passo para o caminho que seria trilhado adiante: o produto foi cada vez mais deixando de ser uma *commodity* e passando a se tornar um bem diferenciado. O primeiro lote produzido já com a denominação de “Café do Cerrado” contou com uma produção de 1.400 sacas, teve como destino a Bélgica e obteve um retorno 8% maior do que o preço de mercado. (SAES; JAYO, pg.8)

É importante ressaltar que se por um lado os programas voltados para o desenvolvimento do cerrado mineiro (PADAP, POLOCENTRO E PRODECER) impulsionaram a atividade cafeeira na região, fazendo com que esta se tornasse referência no uso de tecnologia e produção de cafés especiais, por outro lado propiciaram uma maior concentração fundiária, pois houve a desapropriação de vários pequenos lotes de terras. De acordo com Nascimento (2014, pg.29),

Estes (pequenos lotes de terras) eram redistribuídos, de forma seletiva, para os produtores de outras regiões e médios e grandes proprietários localizados na própria região. Tal medida proporcionou um aprofundamento da concentração da estrutura fundiária nos municípios que compõem a Região Cafeeira do Cerrado Mineiro.

Assim sendo, muitos dos pequenos produtores localizados na região ficaram à margem desse processo de tecnificação e da transformação da produção do café *commodity* para o café *gourmet*. Desse modo, em 2008, a EXPOCACCER, o Sistema de Cooperativas de Crédito (SICOOB) e a Cooperativa Agropecuária de Patrocínio (COOPA) se juntaram e criaram o Núcleo Cooperativista dos Pequenos Produtores (NUCOOPP) situado em Patrocínio, com o objetivo de dar apoio para a produção, comercialização e financiamento aos cafeicultores de menor porte. Em 2010, esses pequenos agricultores da região perceberam que unidos conseguiriam maiores vantagens, e com o objetivo de conseguirem exportar os seus produtos, fundaram a Associação dos Pequenos Produtores do Cerrado (APPCER). A APPCER foi a primeira entidade da região do cerrado mineiro a receber a certificação fair trade, - comércio justo, na tradução livre - para o produto café, uma modalidade de certificado em que o produtor executa uma série de condições de produção voltadas para o lado social e boas práticas ambientais. Dessa maneira, os cafeicultores que possuem a certificação *fair trad*, além de comercializarem seus produtos por um preço maior que a de mercado, também ganham um prêmio por saca de café vendido. Esse movimento se tornou um meio pelo qual os pequenos produtores se inseriram no mercado de café especiais e também no mercado internacional.

Atualmente, são vários os eventos realizados nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio voltados para a cafeicultura, como é o caso do “Seminário do Café da Região do Cerrado Mineiro”, que ocorre anualmente em Patrocínio e tem como objetivo a troca de experiências, a comercialização de máquinas e implementos agrícolas e a valorização da cafeicultura. Em Araguari acontece todos os anos a Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura

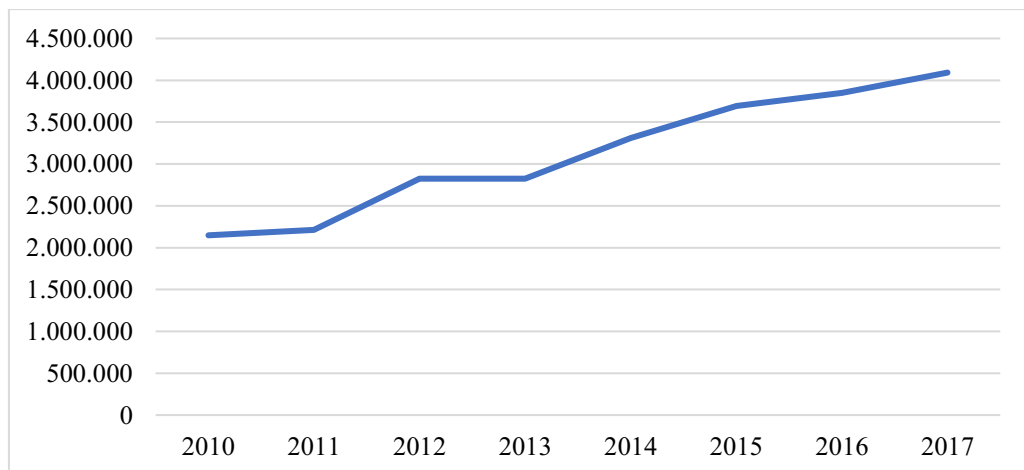
(Fenicafé), que é considerada o maior e mais completo evento de irrigação do setor no país, contribuindo para a disseminação de tecnologias e também gerando oportunidades de negócios. Em 2020, foi sediada em Monte Carmelo a 5ª edição da Feira do Cerrado, organizada pela Cooxupé, e o tema foi “cooperativismo trazendo tecnologia, gestão e confiança à cafeicultura”.

Em suma, as associações e cooperativas de cafeicultores são de extrema importância para o desenvolvimento do “negócio café”, e, em última instância, pode-se dizer que são responsáveis pela comercialização do produto no mercado interno e externo, exercendo o papel de representação político-sindical.

## 2.2 A cafeicultura no município de Araguari

Araguari é um município mineiro que conta com uma população estimada de 117.825 habitantes, segundo dados do IBGE de 2020. O Produto Interno Bruto – PIB – do município no ano de 2017 foi de R\$4,09 bilhões contra um PIB de R\$3,85 bilhões em 2016 e R\$3,69 bilhões em 2015, conforme dados disponíveis no site do IBGE. O gráfico 8 mostra a série histórica do PIB do município desde o ano de 2010.

Gráfico 8- PIB a preços correntes da cidade de Araguari/Série Revisada (unidade: R\$ x 1000)



Fonte: IBGE

No ano de 2017 a cidade de Araguari apresentou o 21º maior PIB do estado de Minas Gerais. E a nível de Brasil apresentou o 230º maior PIB do país. (IBGE, 2017)

Em relação ao setor agropecuário, o município possui uma forte produção de carne bovina e, além do café, culturas como a soja, milho, tomate, maracujá, fruticultura e hortaliças



também são importantes para a economia da cidade. De acordo com Assunção (2001), há uma propensão em Araguari do cultivo de produtos voltados para o mercado externo, uma vez que a produção de culturas consideradas de subsistência, como o arroz, feijão e mandioca, apresentou uma queda significativa ao longo dos últimos anos. Desse modo, Araguari é considerado um município diversificado em relação à agricultura, onde não só a cafeicultura, mas também outras atividades agrícolas desempenham um papel econômico relevante. Essa pluralidade agrícola é responsável por dinamizar a economia araguarina, impulsionando principalmente a agroindústria e o setor de serviços. Na tabela 4, é possível observar que em termos de quantidade produzida no ano de 2018, a soja, milho, tomate e café são os produtos com maiores destaques.

Tabela 4 - Área plantada ou destinada à colheita, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Araguari em 2018

Produto	Área plantada ou destinada à colheita (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Valor da produção (Mil Reais)
Café (em grão) Total	11200	29568	206976
Feijão (em grão)	60	99	198
Mandioca	180	3240	2916
Maracujá	102	2244	4039
Milho (em grão)	21800	152940	76281
Soja (em grão)	31500	122850	133313
Tomate	800	64000	72960

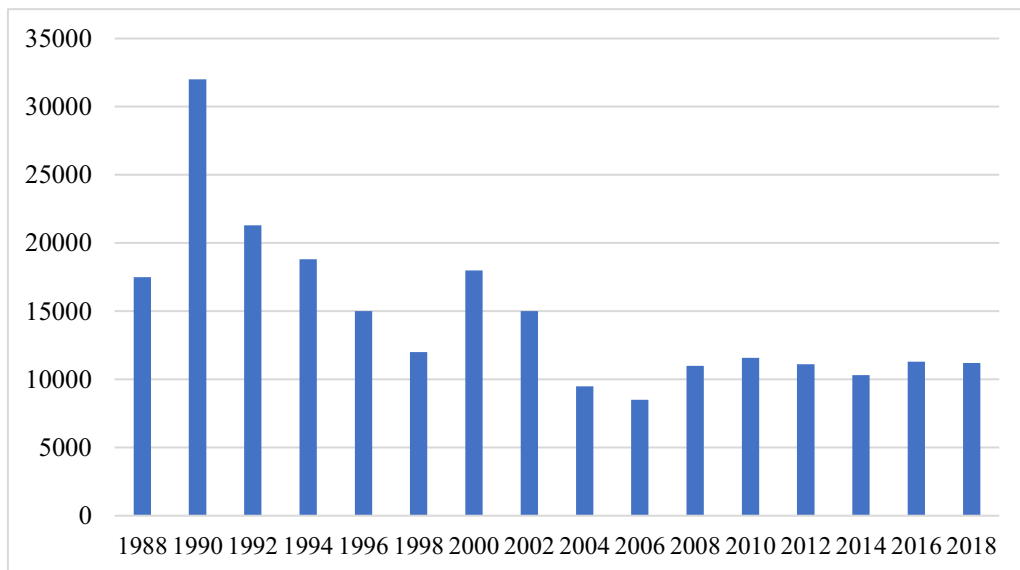
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

De acordo com a Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA), a localização geográfica do município o coloca em destaque no contexto do comércio de café no Brasil. A cidade possui fama de produzir um dos melhores cafés do mundo devido as suas características geográficas. Conforme explicitado por Neto (1986), os primeiros pés de café em Araguari foram plantados em 1972 com recursos liberados pelo governo através do PRRC. Entretanto, a produção só começou a apresentar números significativos a partir de 1975, onde foi crescendo paulatinamente. Ainda de acordo com Neto (1986), um relatório do IBC de 1973 mostra Araguari em 6º lugar no volume de plantio no país, e em 3º lugar no estado mineiro. Em

1983/1984, o município já foi considerado pelo IBC como região cafeeira consolidada e não mais pioneira e, dessa forma, foram suspensos o fornecimento de crédito subsidiado. (ASSUNÇÃO, 2001)

O gráfico 9 mostra a evolução da área plantada ou destinada à colheita em Araguari.

Gráfico 9- Área plantada ou destinada à colheita (Hectares)  
de café no município de Araguari

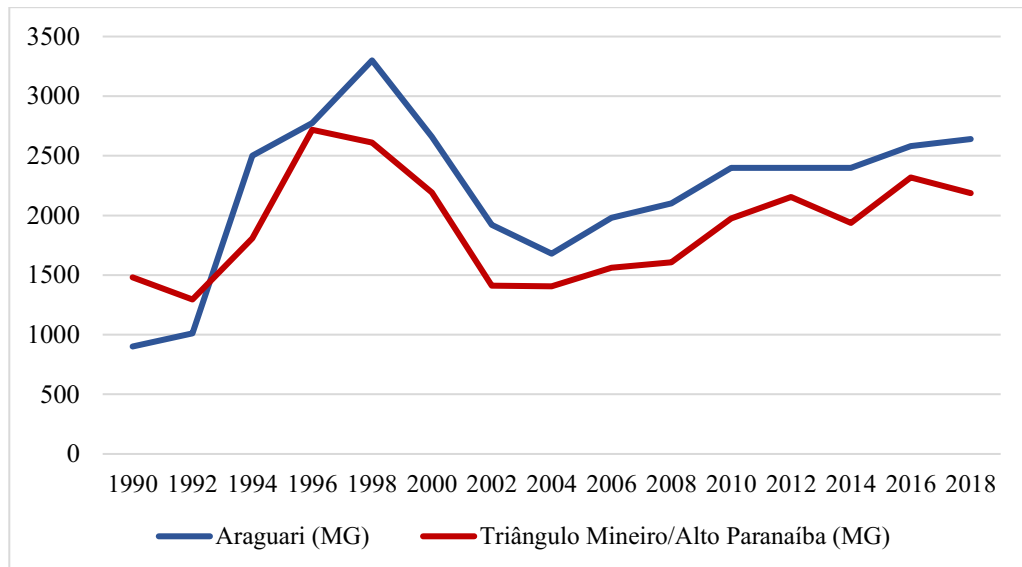


Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Apesar de a área plantada ou destinada à colheita de café no município de Araguari ter diminuído a partir de 2004 em relação aos anos anteriores, especialmente em comparação com os anos 1980, ainda é considerável o tamanho da área destinada à cafeicultura, aproximadamente 10 mil hectares, conforme demonstrado no gráfico 9.

Segundo a Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura – FENICAFÉ (2020), Araguari é considerada referência no que diz respeito à tecnologia na produção de café irrigado, sendo que mais de 90% das plantações cafeeira deste município são irrigadas. Além do mais, o município possui um dos maiores níveis de produtividade do cerrado mineiro: 40 sacas por hectare.

Gráfico 10 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Araguari e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba



Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Conforme Araújo; Soares (2009), a inserção da cafeicultura em Araguari não se deu de forma tão simples, pois como o café é um produto que oscila muito no mercado internacional, os produtores sentiram o impacto dessa instabilidade, refletida principalmente nos preços. Dessa forma, o governo municipal incentivou outros tipos de culturas, como a de soja e de maracujá, o que propiciou a Araguari a fama de capital do maracujá nos anos de 1980. Atualmente, é considerada a cidade do café e do tomate, pois mesmo com as flutuações características do café, este produto se fortificou e se consolidou na economia araguarina. (BACELAR, 2003, p. 115)

É possível observar também a importância das culturas da soja e do café na dinâmica econômica do município através dos silos existentes para armazenamento dos grãos, que trouxe para a cidade importantes empresas do ramo, como as estrangeiras ADM e Bunge, com capacidade de armazenamento de 60.000 e 22.000 toneladas para a soja, respectivamente.

Tabela 5 - Araguari (MG): principais armazéns, grãos armazenados e capacidade  
(2006)

Armazém	Produto	Capacidade (tonelada)
ADM Armazéns Gerais Ltda	Soja e farelo de soja	60.000 t
Bunge Alimentos	Soja e farelo de soja	22.000 t
Quilimbo Armazéns	Café	25.000 sacas
Sementes Selecta Ltda	Soja e farelo de soja	-

Fonte: (ARAÚJO; SOARES, 2009, p. 11 apud COSTA, 2006, pg. 52)

Nota da Tabela: (-) Dados não encontrados

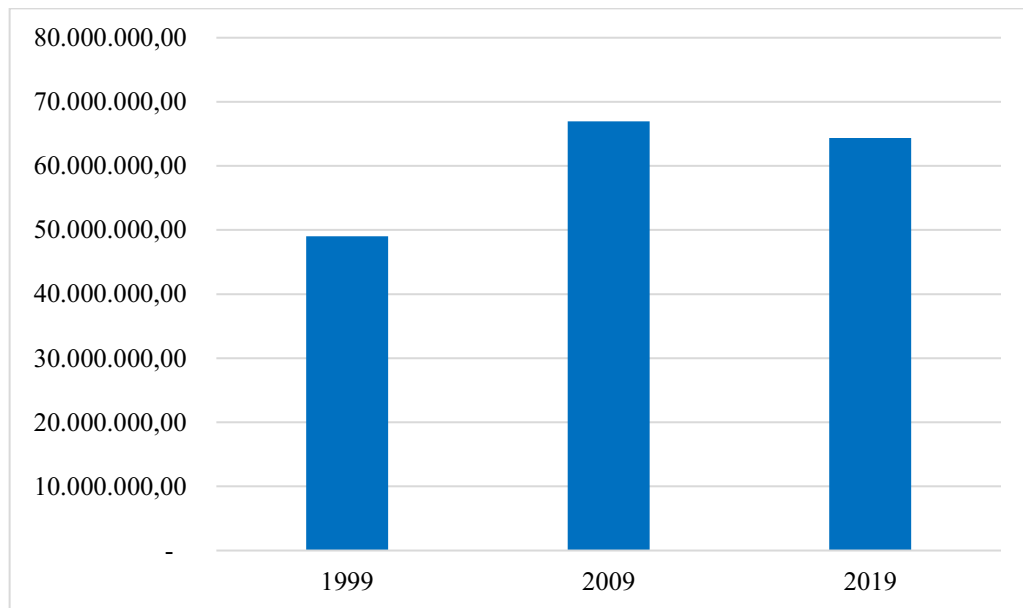
Desse modo, nas palavras de Araújo; Soares (2009; pg.128)

Um importante aspecto que se observa no contexto da modernização agrícola do país, e especificamente no município de Araguari, é a nova configuração que pode ser observada no espaço urbano das cidades, que passam a atender às exigências do campo modernizado, implantando lojas de insumos e fertilizantes agrícolas, tornando-se, assim, o lugar da regulação da dinâmica do campo.

Quando o assunto é valor/produto exportado pelo município de Araguari, vê-se a extrema importância que o café possui nesse quesito. De acordo com dados extraídos do site *Comexstat* o valor das exportações de Araguari atingiu US\$640,75 milhões no ano de 2019. O município foi o décimo colocado dentre os maiores exportadores de Minas Gerais e responsável por 2,8% das exportações do estado. Além do mais, o café foi responsável por 11% do valor das exportações do município de Araguari, o que demonstra o quão importante é o produto para a economia do município. (*Comexvis*, 2020)

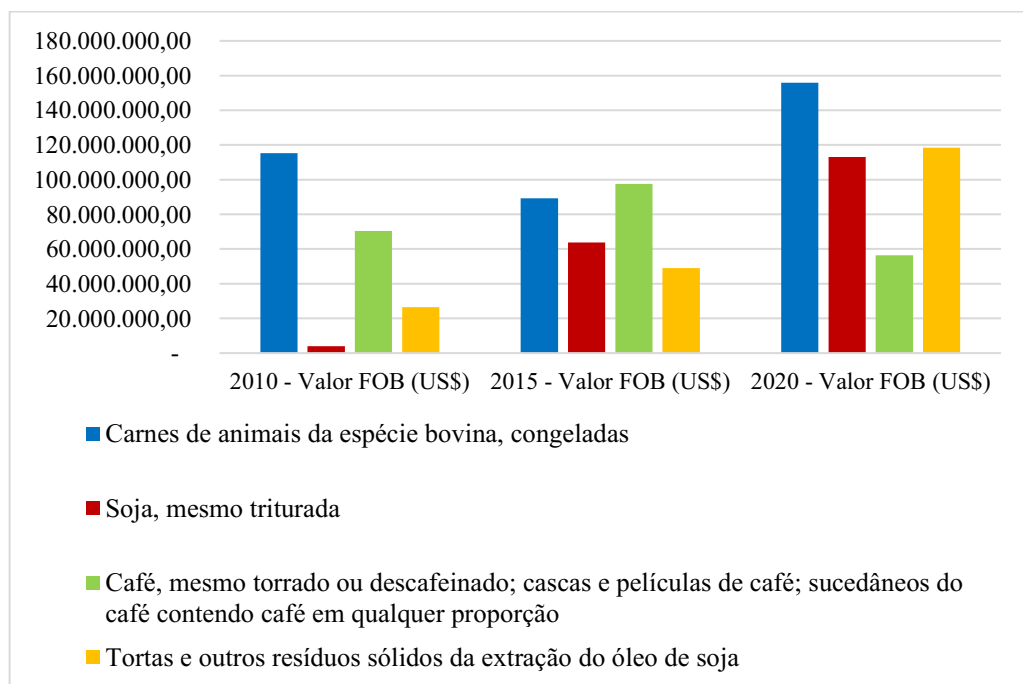
De acordo com a Associação dos Produtores de Araguari – ACA (2020), a exportação do produto equivale a 80% da produção. Os gráficos 11 e 12 mostram, respectivamente, o valor, em dólares, das exportações de café realizadas por Araguari e o ranking dos produtos mais exportados pelo município.

Gráfico 11- Exportação, em Dólares, de Café no Município de Araguari



Fonte: Comexstat

Gráfico 12 - Ranking dos produtos exportados (em dólar)



Fonte: Comexstat

Observa-se que, mesmo com uma queda importante no valor das exportações de café nos últimos 3 anos, especialmente com relação ao ano de 2016, o produto ainda é responsável

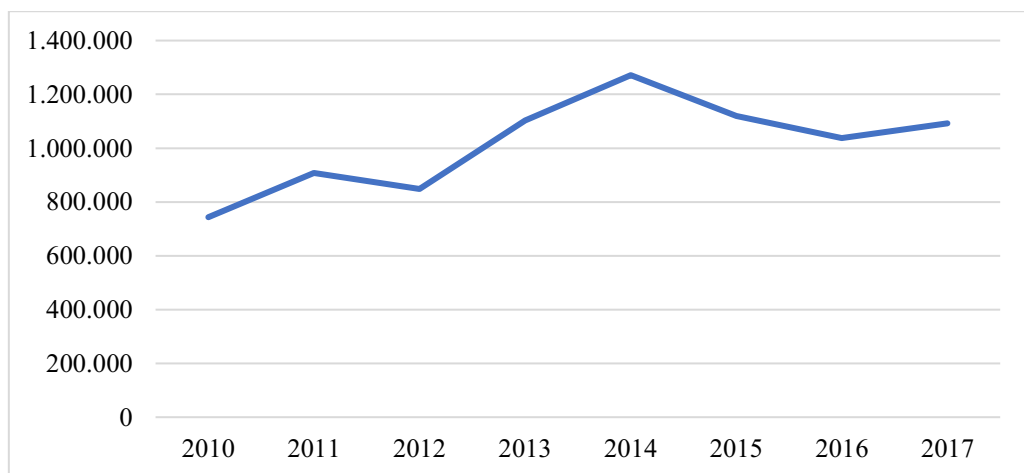
por uma geração elevada de divisas, o que, mesmo que muitas vezes, indiretamente, traz enormes benefícios e riquezas para a cidade.

### 2.3 A cafeicultura no município de Monte Carmelo

Monte Carmelo é um município mineiro que conta com uma população estimada, segundo dados do IBGE de 2019, de 47.931 habitantes. A principal atividade econômica da cidade é a produção de telhas, tijolos e artefatos cerâmicos. Além disso, também possui destaque na produção de café. Juntamente com outras cidades próximas, como Araguari e Patrocínio, o município carmelitano está inserido na categoria de produção de um dos melhores cafés do cerrado mineiro destinado à exportação.

O Produto Interno Bruto – PIB – do município no ano de 2017 foi de R\$1,09 bilhões contra um PIB de R\$1,03 bilhões em 2016 e R\$1,11 bilhões em 2015, conforme dados disponíveis no site do IBGE. O gráfico 13 mostra a série histórica do PIB do município desde o ano de 2010.

Gráfico 13 - Monte Carmelo - PIB a preços correntes/Série Revisada



Fonte: IBGE

No ano de 2017 o município de Monte Carmelo apresentou o 82º maior PIB do estado de Minas Gerais. E a nível de Brasil apresentou o 707º maior PIB do país. (IBGE, 2017)

Em 1920 foi fundada a primeira cerâmica na cidade pelo Sr. Jorge Fernandes, que trouxe até especialistas de São Paulo para montar o seu negócio. Devido às terras fartas de argila de

qualidade, o setor ganhou impulso e houve uma expansão nos investimentos dos ramos de telhas e tijolos, principalmente com a construção de Brasília em 1950, onde estes produtos foram exportados em grandes proporções, já que Monte Carmelo possui localização relativamente próxima a Brasília. Nos anos 1970 foi criado pelo governo federal o Sistema Financeiro da Habitação, o que fortaleceu ainda mais o setor cerâmico. Em decorrência disso, a cidade de Monte Carmelo dominava a maior produção de telhas da América Latina até os primeiros anos de 1990, carregando consigo títulos de cidade das chaminés e capital nacional da telha, pelo seu grande poder econômico neste setor sob o território nacional. (RIBEIRO; MARQUES, p.67)

Entretanto, também a partir dos anos de 1970, com o Plano de Renovação e Revigoreamento dos Cafezais, Monte Carmelo se inseriu na produção cafeeira através dos créditos subsidiados pelo governo, e, desde então, essa cultura se consolidou no município. Desse modo, “com todo esse acontecimento, a cidade começou a desenvolver seu polo industrial através da produção de telha, além do plantio de café, que foi um dos grandes campos de emprego na cidade.” (OLIVEIRA, 2015, pg.17)

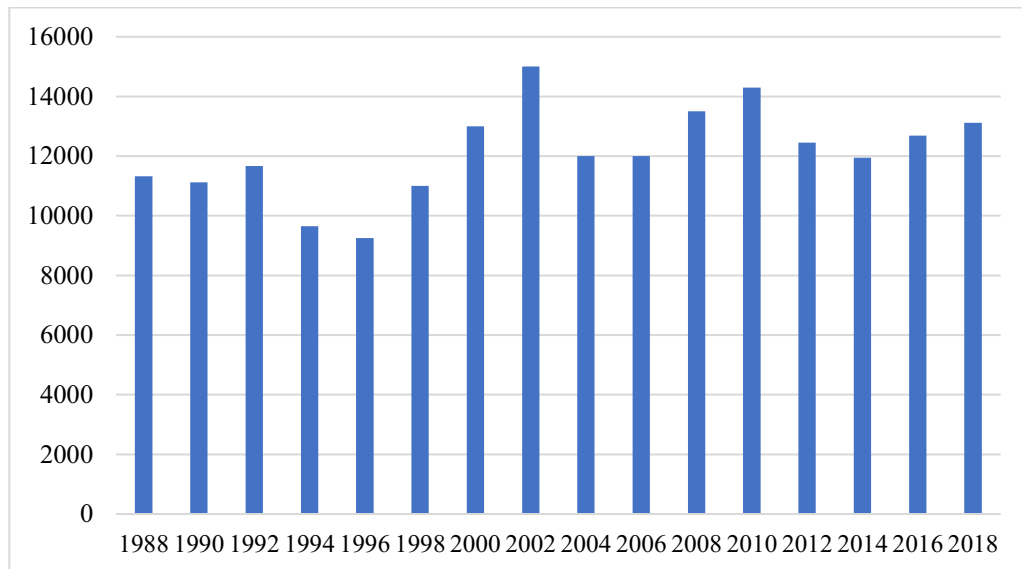
Ainda conforme Oliveira (2015), muitos empresários do setor cerâmico utilizaram o seu excedente para aplicar na agropecuária. Entretanto, ele destaca que no início dos anos 2000 Monte Carmelo já não conseguia mais seguir a tendência dos avanços tecnológicos voltados para o ramo da cerâmica, especialmente no que diz respeito ao transporte da argila. Não há dúvidas de que este setor foi a base econômica da cidade durante décadas, entretanto, acabou perdendo em termos de competitividade para outros municípios do Triângulo Mineiro, o que implicou no fechamento de várias cerâmicas a partir dos anos 2000. Enquanto isso, a cultura cafeeira foi se expandindo cada vez mais. Nas palavras de Oliveira, 2015, pg. 17:

O crescimento de Monte Carmelo passa a ser vertiginoso, tornando-se a cidade de grande envergadura nos contextos regional, estadual e nacional. Até então conhecida pela produção de telhas famosas, chegando a ser considerada a capital nacional da telha, passa também a ter reconhecida a excelência dos grãos de café, chegando a produzir, cerca de 500.000 sacas, segundo o informativo da Folha Rural COOXUPÉ de 15 de agosto de 1990 n.148. Tal fato envolveu grande mão de obra e movimentação no comércio.

Pelo gráfico 14 percebe-se que é expressivo o tamanho da área destinada à cafeicultura no município de Monte Carmelo, e, desde o ano 2000 a quantidade de terra utilizada é igual ou

acima de 12.000 hectares, exceto o ano de 2014 em que ficou muito próxima dessa quantidade. Isso ajuda a evidenciar a importância extrema que a cafeicultura tem para a economia carmelitana.

Gráfico 14 - Área plantada ou destinada à colheita (Hectares) de café no município de Monte Carmelo



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

No que se refere à agricultura, além do café, Monte Carmelo também conta com uma forte produção de feijão, milho, soja e sorgo. Conforme Moreira; Costa (2012, pg. 30; 31), o município exerce a 7ª posição entre os maiores produtores da cultura cafeeira do país, compreendendo uma área em torno de 13.000 hectares. Estima-se que a produção é de 30.000 toneladas, plantadas num total de 45 milhões de pés com o apoio de duas cooperativas industriais de torrefação e empacotamento de café certificadas pelo selo de qualidade da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC). (PREFEITURA DE MONTE CARMELO)



Tabela 6 - Área plantada ou destinada à colheita, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Monte Carmelo em 2018

Produto	Área plantada ou destinada à colheita (Hectares)	Quantidade produzida (Toneladas)	Valor da produção (Mil Reais)
Batata-inglesa	150	5250	4200
Café (em grão)	13120	30307	227303
Feijão (em grão)	490	1154	2116
Milho (em grão)	5000	27600	13800
Soja (em grão)	10000	39000	42120
Sorgo (em grão)	2400	8640	3024

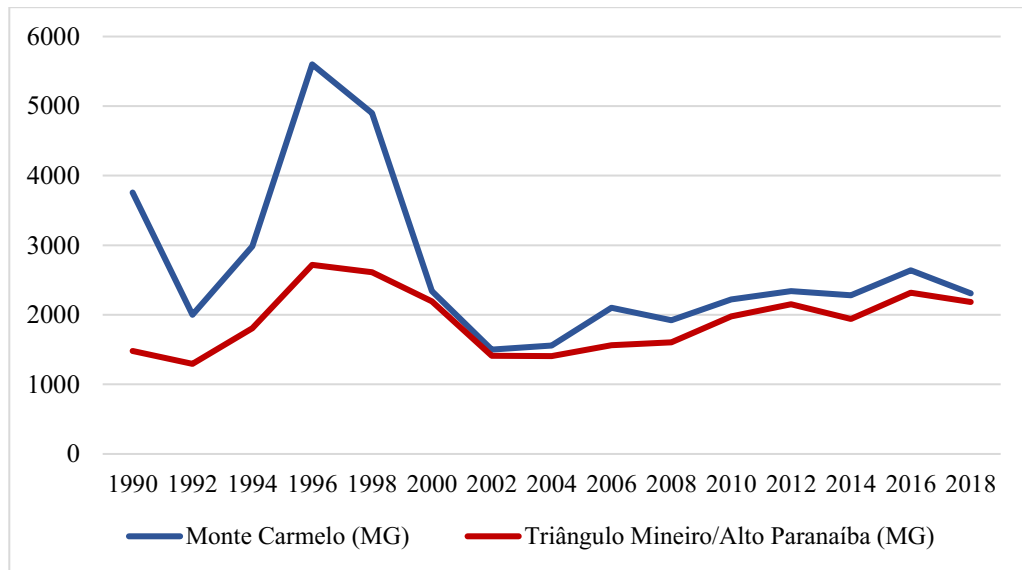
Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

A tabela 6 ratifica a importância da cafeicultura para o município de Monte Carmelo. O café é extremamente importante para a economia da cidade, tanto com relação à área plantada ou destinada à colheita, como também com relação à quantidade produzida e o valor da produção.

Um estudo realizado por Moreira; Costa (2012, pg.31), revela que em 2012, 51 propriedades cafeeiras em Monte Carmelo possuíam certificação, um meio cada vez mais utilizado para diferenciar o produto e, assim, agregar valor. No mesmo estudo também foi observado que o processo de certificação na cidade carmelitana é mais comumente adotado pelos grandes produtores.

Com relação aos níveis de produtividade, Monte Carmelo também está acima da média do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, conforme demonstrado no gráfico 15.

Gráfico 15 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Monte Carmelo e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

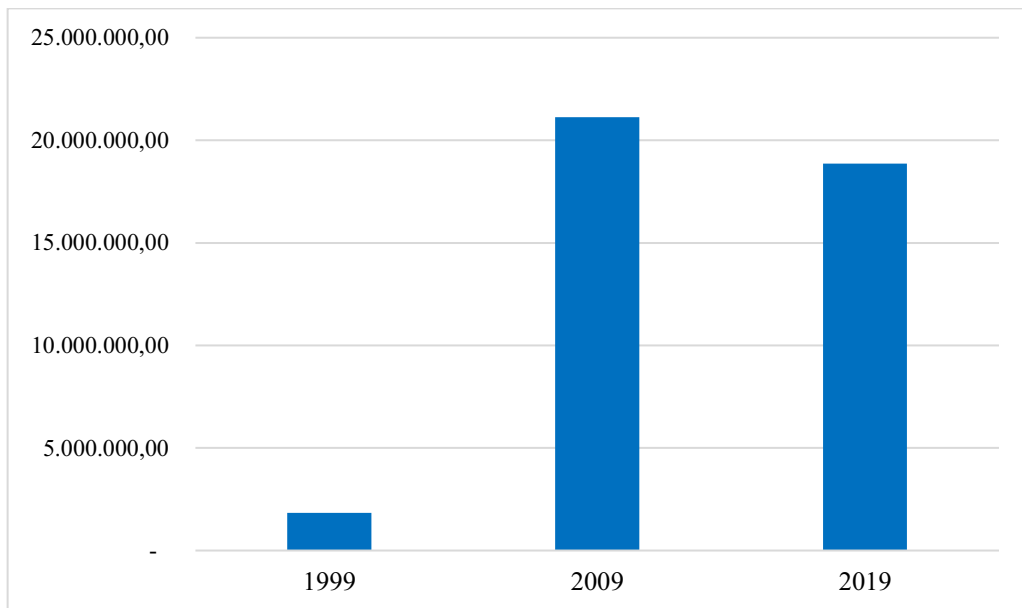


Fonte: IBGE- Produção Agrícola Municipal

Quando o assunto é valor/produto exportado pelo município de Monte Carmelo, vê-se a extrema importância que o café possui nesse quesito. De acordo com os dados, o valor das exportações do município de Monte Carmelo atingiu US\$18,87 milhões no ano de 2019. O município ocupou a 88ª posição dentre os maiores exportadores do estado de Minas Gerais e responsável por 0,08% das exportações do estado. E o café foi responsável por 100% do total exportado. (Comexvis, 2020)

O gráfico 16 mostra o valor das exportações de café pelo município de Monte Carmelo.

Gráfico 16 - Exportação, em Dólares, de Café no município de Monte Carmelo



Fonte: Comexstat

Observa-se, pelo gráfico 16, que mesmo com uma queda no valor das exportações de café no ano de 2019 o produto ainda é responsável por uma geração elevada de divisas, sendo o único produto exportado pelo município de Monte Carmelo. Isso ratifica a importância que a cafeicultura tem para a cidade carmelitana.

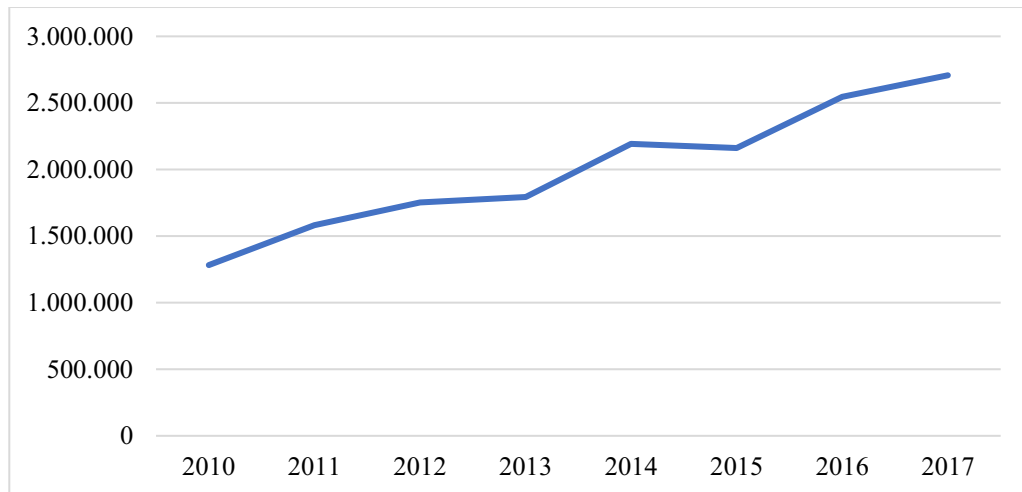
#### 2.4 A cafeicultura no município de Patrocínio

Patrocínio é um município mineiro que possui uma população estimada de 91.949 habitantes, segundo dados do IBGE de 2019. Tem 60% de seu relevo plano, propício para a mecanização no campo e, por isso, rende bons resultados na agricultura. A economia é consolidada na agropecuária, principalmente na cafeicultura e gado leiteiro, sendo estes os maiores segmentos que contribuem para a arrecadação do ICMS municipal. A cidade - que já foi maior produtora de café do Brasil em 2017- também é a maior produtora de café de Minas Gerais, segundo o IBGE, possuindo um área equivalente a 40 mil hectares em plantações de café, cerca de 13% da área do município. (PREFEITURA DE PATROCÍNIO, 2017)

O Produto Interno Bruto – PIB – do município no ano de 2017 foi de R\$2,70 bilhões contra um PIB de R\$2,54 bilhões em 2016 e R\$2,16 bilhões em 2015, conforme dados

disponíveis no site do IBGE. O gráfico 17 mostra a série histórica do PIB do município desde o ano de 2010.

Gráfico 17- Patrocínio - PIB a preços correntes/Série Revisada (unidade: R\$ x 1000)



Fonte: IBGE

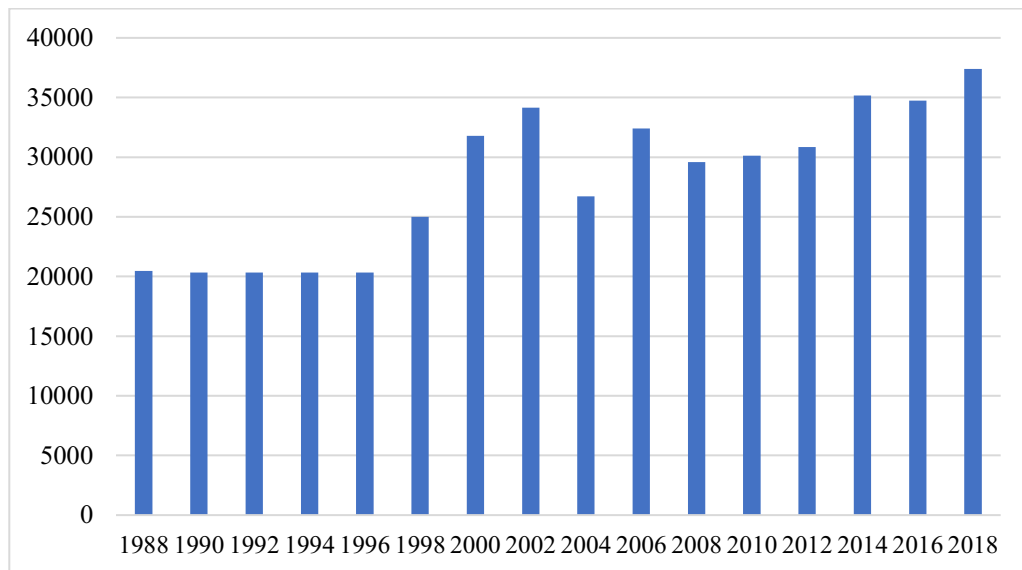
No ano de 2017 o município de Patrocínio apresentou o 35º maior PIB do estado de Minas Gerais. E a nível de Brasil apresentou o 337º maior PIB do país. (IBGE, 2017)

Como já especificado anteriormente, a cultura do café se desenvolveu no município a partir de 1970, mais especificamente no ano de 1973, através de fatores geográficos e incentivos políticos para a implementação deste produto em novas fronteiras agrícolas. Já na década de 1980, houve um aumento no parque cafeeiro em Patrocínio de mais de 50% graças aos estudos técnicos e gestões políticas. Após a consolidação desse processo, os cafeicultores patrocineses, em busca de ganharem força em termos de competitividade, conseguiram fazer com que o café se tornasse reconhecido tanto no mercado nacional quanto no internacional, usando estratégias de diferenciação e promoção da qualidade, aumentando de forma significativa a produção a partir dos anos de 1990. Nas palavras de Oliveira; Silva; Júnior (2017, pg.10)

Todos os esforços foram direcionados para a consolidação do município de Patrocínio como o centro administrativo e gerencial das políticas institucionais direcionadas ao desenvolvimento do café. A cafeicultura no Município de Patrocínio consolidou-se por ser estratégica e altamente dinâmica.

Pelo gráfico 18 percebe-se que é bastante expressivo o tamanho da área destinada à cafeicultura no município de Patrocínio, e, desde o ano de 2006 a quantidade de terra utilizada é igual ou acima de 30.000 hectares, exceto o ano de 2008 em que ficou muito próxima dessa quantidade. Daí, vê-se porque o município é considerado o maior produtor de café do Brasil.

Gráfico 18 - Área plantada ou destinada à colheita (Hectares) de café no município de Patrocínio



Fonte: IBGE- Produção Agrícola Municipal

A partir dos anos 1990, Patrocínio se consolida como o mais importante “centro articulador de estratégias de produção e desenvolvimento do café do Cerrado Mineiro, tornando-se a região especializada na produção de cafés finos”. (OLIVEIRA, 2017, pg.260)

Conforme Santos (2005, pg.14), a cafeicultura foi a responsável por impulsionar os avanços no desenvolvimento de Patrocínio, pois desde a sua consolidação o café se constituiu como o principal gerador de empregos e renda no município, sendo que esta renda é gasta de volta lá. Informações da Acarpa revelam que a cafeicultura na cidade emprega em torno de 5 mil trabalhadores fixos, e no período da colheita, que vai de maio a outubro, o número de empregados chega a 20 mil. Além do mais, a cultura representa 78% da economia do município.

De acordo com Nascimento (2014, pg.98), mesmo com os avanços tecnológicos e a mecanização existentes na cafeicultura patrocínense, o que reduz a demanda por mão-de-obra, na época de colheita ainda se contrata uma grande quantidade de trabalhadores temporários para realizarem determinadas atividades, como operadores de colheitadeiras, misturador de café, trabalhadores da colheita de café, trabalhadores volantes da agricultura, entre outros.

Veríssimo (2015) mostra em seu estudo que Patrocínio concentra 15% de todo o café armazenado no país, e é lá que está localizado o maior polo de armazenamento da região do cerrado mineiro.

De acordo com dados do IBGE, além do café, Patrocínio também é forte na produção de milho, sorgo e soja, conforme tabela 7.

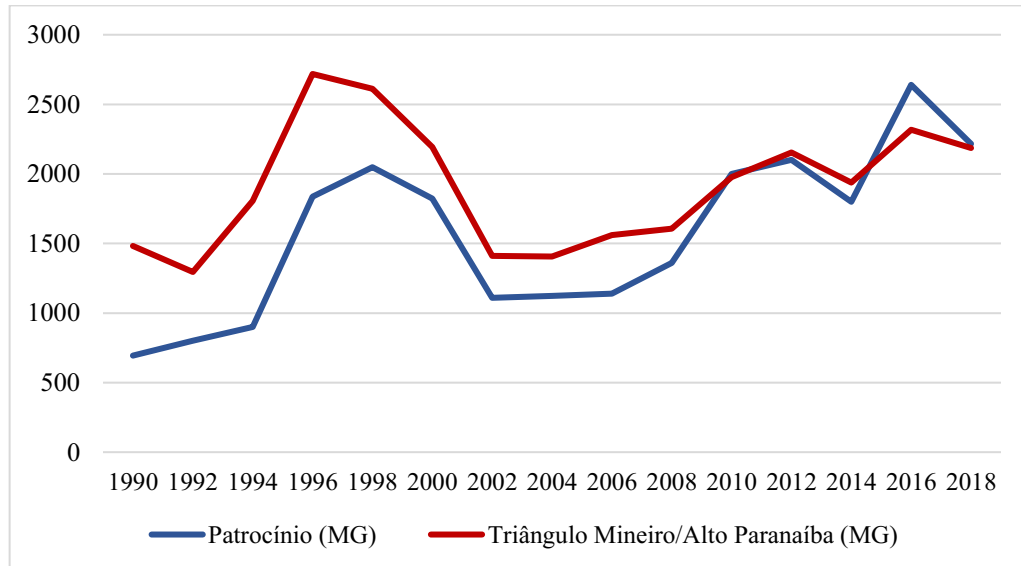
Tabela 7 - Área plantada ou destinada à colheita, quantidade produzida e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes no município de Patrocínio em 2018

Produto	Área plantada ou destinada à colheita (Hectares)	Quantidade produzida (toneladas)	Valor da prod. (Mil Reais)
Café (em grão) Total	37400	82330	625545
Feijão (em grão)	2850	7.230	14082
Milho (em grão)	13000	84600	47124
Soja (em grão)	18000	64800	69984
Sorgo (em grão)	15000	63000	18270

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Patrocínio possui a maior área e produção de café no Alto Paranaíba. Já com relação à produtividade, o município estava abaixo da média do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, porém, a curva se inverteu a partir do ano de 2014, conforme o gráfico 19.

Gráfico 19 - Rendimento médio da produção (Quilograma por hectare) de café em Patrocínio e na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

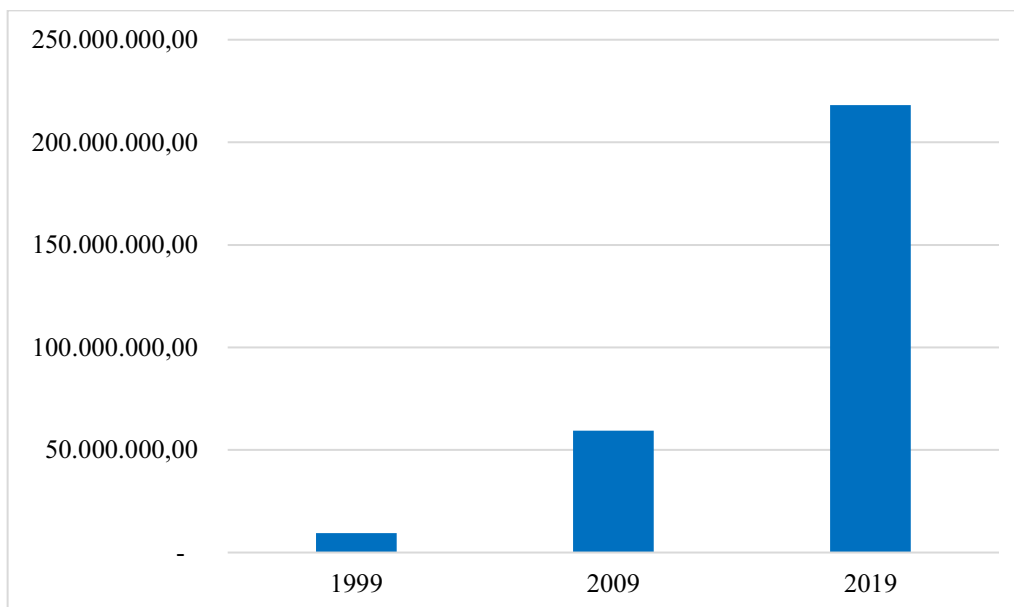


Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Com relação ao valor/produto exportado pelo município de Patrocínio, percebe-se a enorme importância que o café possui para os patrocínenses. De acordo com os dados, o valor das exportações do município de Patrocínio atingiu US\$253,01 milhões no ano de 2019. O município ocupou a 25ª posição dentre os maiores exportadores do estado de Minas Gerais e responsável por 1,1% das exportações do estado. E o café foi responsável por 73% do total exportado. (Comexvis, 2020)

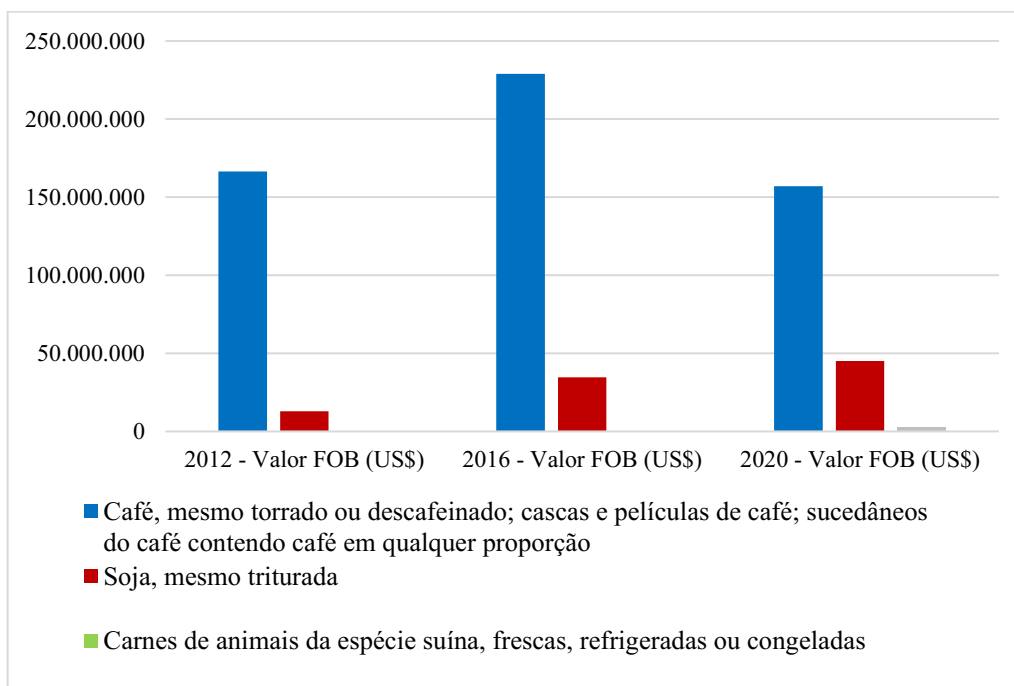
Os gráficos 20 e 21 mostram, respectivamente, o valor das exportações de café realizadas por Patrocínio e o ranking dos produtos mais exportados pelo município.

Gráfico 20 - Exportação, em Dólares, de café no município de Patrocínio



Fonte: Comexstat

Gráfico 21 - Ranking dos produtos exportados  
no município de Patrocínio (em dólar)



Fonte: Comexstat



### **3. O SETOR CAFEIEIRO NOS MUNICÍPIOS DE ARAGUARI, MONTE CARMELO E PATROCÍNIO: BREVE HORIZONTE**

No decorrer desse trabalho procuramos demonstrar, de certa forma, a importância que a cafeicultura teve para o desenvolvimento do Brasil, e foi dada ênfase para o fortalecimento da cultura cafeeira no estado de Minas Gerais, e, especialmente na região do Triângulo Mineiro.

Também foi demonstrado o quão importante a produção de café é para os municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Ainda expusemos como o surgimento e o desenvolvimento das cooperativas e associações de cafeicultores foi, ainda é fundamental para o fortalecimento da classe produtora de café e para a geração de renda para os municípios.

Portanto, podemos considerar que fizemos uma análise retrospectiva e atual da produção cafeeira e seus impactos econômicos e sociais nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio. Pois bem, e, quanto ao futuro, ou, melhor dizendo, quais as perspectivas com relação à cultura cafeeira no que diz respeito à produção, renda e emprego para os três municípios foco desse trabalho?

Assim, neste terceiro capítulo, procura-se demonstrar quais as perspectivas para a cultura do café nesses municípios para os próximos anos, como, por exemplo, o nível da oferta e demanda mundial, a qualidade e quantidade do nível de emprego e renda, e também com relação à mecanização da produção.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC), os estoques brasileiros estão zerados e a pesquisa dos estoques privados feita em março, também de 2018, mostrou o nível mais baixo armazenado em 10 anos. Ainda segundo a ABIC, a demanda mundial segue crescendo a uma taxa de 2% ao ano, enquanto o consumo brasileiro cresce a uma taxa ainda mais elevada, em torno de 3,5% ao ano. Desse modo, é necessário que o Brasil passe por um período de oferta mais estável para recuperar mercados nas exportações, que estão caindo, e para melhorar o cenário de estoques apertados.

Segundo a Revista Cafeicultura (2019), o consumo de café continuará aumentando, pelo menos até o ano de 2021, com evolução estimada em 3,5% ao ano. Entretanto, há que se ressaltar, ainda segundo a própria consultoria, que os cafés especiais, superiores ou *gourmet*, ou seja, os cafés de qualidade superior devem continuar ganhando espaço na preferência dos consumidores que valorizam sabor e aroma diferenciados, e, que não se importam em pagar um preço mais elevado por essa qualidade superior.

Conforme relatório da CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento – divulgado em setembro de 2020, no que diz respeito ao mercado externo, a produção colombiana será

mais baixa, e, de acordo com a federação de produtores daquele país as exportações de café caíram 8% em agosto. Tendo em vista que a Colômbia é o terceiro maior produtor mundial de café, essa variação tem capacidade de afetar a cotação do grão. Ainda de acordo com o relatório, o Vietnã, que é o segundo maior produtor mundial de café, também apresentou queda nas exportações entre janeiro e agosto em torno de 1,3%. Isso diminui ainda mais a oferta do grão e ajuda a manter as cotações em alta. Outros dois fatores também influenciam para a alta dos preços. Um deles é a queda dos estoques certificados nas Bolsas de Nova Iorque e de Londres, e o outro é a recuperação econômica e reabertura das principais economias mundiais, ainda mais com os principais mercados consumidores entrando no inverno, período em que a demanda por café é maior.

Já com relação ao mercado interno, ainda de acordo com o mesmo relatório, a safra brasileira já está praticamente toda colhida, e apresentou uma produção recorde, o que não impediu os preços de continuarem em alta devido ao cenário externo, já citado acima, e ao fato de a demanda pelo café brasileiro estar aquecida, tendo em vista que 40% da produção já foram comercializadas. Assim, ainda conforme a CONAB, a conjunção de três fatores pode manter o cenário de alta dos preços vista recentemente: o próximo ano será de bienalidade negativa; as condições climáticas em Minas Gerais ainda geram certa preocupação, e, por fim, o fato de o dólar estar muito valorizado frente ao real. Portanto, conclui o relatório, “a grande produção brasileira não deve causar aumento dos estoques de café”.

Com relação à quantidade e qualidade do emprego na cafeicultura, o grande desenvolvimento tecnológico ocorrido nas duas últimas décadas em todos os setores da economia, dentre eles, o agrícola, com a criação de máquinas e equipamentos com elevadíssima tecnologia, tem diminuído drasticamente a utilização de mão de obra na cafeicultura. Isso, devido principalmente ao fato de, em muitos casos, uma máquina, apenas, substituir inúmeros trabalhadores. Tem-se que as inovações reduzem drasticamente a quantidade de trabalhadores temporários da cultura do café, que sempre foi caracterizada por empregar um grande número de pessoal.

Por outro lado, exige-se, cada vez mais, dos trabalhadores que operam as “novas” máquinas e equipamentos utilizados especialmente na colheita do café, um nível de conhecimento/especialização que não eram requeridos há três ou quatro décadas. Vem ocorrendo um fenômeno de especialização do trabalho, pois o maquinário que foi introduzido requer conhecimento prévio para sua utilização. O período que mais demanda trabalho temporário é o da colheita, entretanto, segundo Ortega e Jesus (2012) a colhedora de café

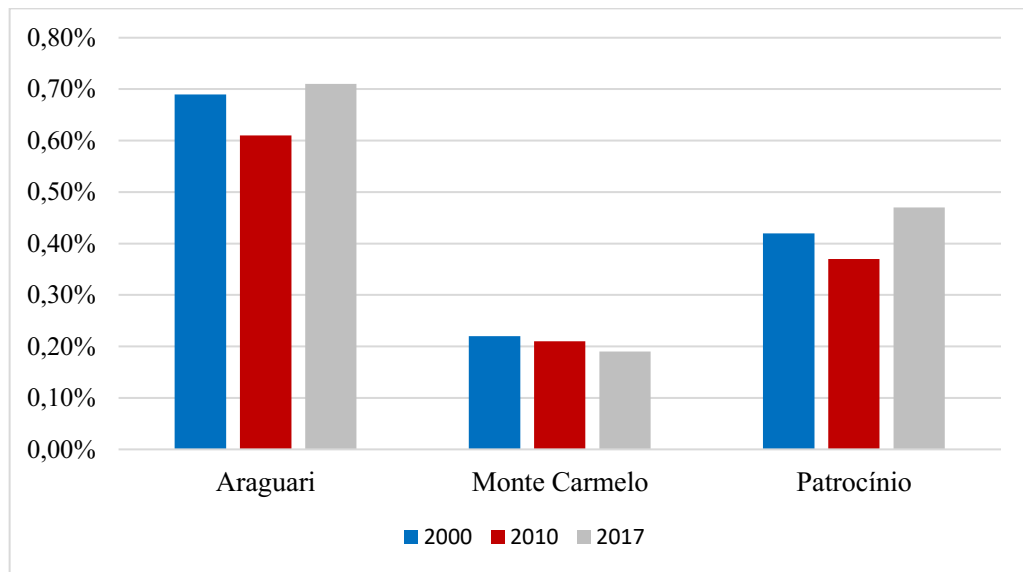
consegue substituir mais de 100 trabalhadores pelo dia de trabalho, que varia entre 18 e 22 horas por dia, o que faz com que os custos da colheita se reduzam cerca de 30% a 40%.

Portanto, se há trinta ou quarenta anos o uso da mão de obra na cafeicultura era bastante intensiva, nos dias atuais ela diminuiu sensivelmente, e a perspectiva para os próximos anos é de, cada vez mais, utilização de tecnologia de ponta na produção de café, especialmente na fase da colheita, e isso, fará diminuir a contratação de trabalhadores permanentes. Outro ponto a se destacar é que, se por um lado, vem diminuindo o número de trabalhadores menos qualificados na cafeicultura, principalmente na fase da colheita, por outro, há uma crescente gama de outros setores que cresceram com o decorrer dos anos devido à produção de café.

Para Christoph Saenger, economista sênior da Organização Internacional do Café, o trabalho representa a maior parte dos custos em muitos países produtores, entretanto, isso varia de acordo com os países, regiões, sistemas de produção e eficiência dos mercados de insumo. Ainda segundo ele, o Brasil é líder em colheita mecanizada (com colheitadeiras automotrizes), mas acredita ser improvável que a colheita seja completamente mecanizada até 2050, ao se referir a outras regiões produtoras. “Os baixos custos de mão de obra em alguns países, como os do continente africano, bem como a topografia desfavorável, podem limitar a adoção de máquinas para a colheita. No entanto, a experiência pandêmica da Covid-19 mostra que a mecanização, automação e digitalização dos processos da cadeia de suprimentos pode ser uma maneira de garantir protocolos de saúde e segurança, aumentando a resiliência contra choques”, finaliza Saenger. A pesquisa teve a finalidade de melhorar a compreensão dos custos de produção e fatores que impulsionam a lucratividade das fazendas produtoras de café. O documento afirma que a exceção é o Brasil, caracterizado por um grau mais elevado de mecanização de sistemas produtivos.

Portanto, é bastante plausível afirmar que os três municípios foco desse trabalho (Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio), bem como os municípios localizados aos seus entornos ainda terão o café como uma das mais importantes (para a maioria deles, a mais preponderante) atividades econômicas e de geração de renda pelos próximos anos. Algumas variáveis, citadas abaixo e, inclusive, já discutidas no texto, podem ajudar a corroborar essa perspectiva. Vejamos primeiramente o PIB – Produto Interno Bruto dos três municípios.

Gráfico 22 - Participação do PIB de Araguari, Monte Carmelo



Fonte: IBGE

Levando-se em consideração que Minas Gerais é o segundo estado mais populoso do Brasil (atrás somente do estado de São Paulo) e o segundo com mais municípios acima de 100 mil habitantes, perdendo somente para o estado paulista, é importante a participação relativa dos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio no PIB do estado mineiro. O gráfico 22 mostra a participação relativa de cada um dos três municípios no PIB mineiro. A participação relativa de Araguari, que tinha caído no ano de 2010, comparativamente ao ano de 2000, cresceu no ano de 2017, e, passou a representar 0,71% do PIB mineiro. Patrocínio, que também havia perdido participação relativa no PIB mineiro no ano de 2010, se comparado com o ano 2.000, também teve crescimento no ano de 2017, e passou a representar 0,47% do PIB mineiro. Monte Carmelo foi o único município dos três que são foco do nosso trabalho a apresentar queda relativa do PIB no ano de 2017, se levarmos em comparação os anos de 2010 e 2000. Porém, a queda foi relativamente pequena, e no ano de 2017 a participação do PIB carmelitano no Produto Interno Bruto mineiro foi de 0,19%. Tendo-se em vista que o estado de Minas Gerais possui, atualmente, 853 municípios, pode-se dizer que é relevante a participação de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio para a formação do PIB do estado. E isso se torna ainda mais relevante se levarmos em consideração que os 7 maiores municípios mineiros concentram parcela relevante do produto interno bruto estadual, cerca de 40% no ano de 2017. (IBGE,2017)

E, como a cafeicultura tem grande importância para a economia dos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, como vimos anteriormente, depreende-se que o café e sua cadeia produtiva/comercial tem grande peso para a formação do PIB desses três municípios.

Já a tabela 8 mostra o nível de emprego nos três municípios foco do nosso trabalho. O número de trabalhadores ocupados no município de Araguari no ano de 2018 era de 23.417, o que correspondia, aproximadamente, a 22% da população estimada total residente no município. Em Monte Carmelo o número de trabalhadores ocupados era de 9.380 no ano de 2018, o que correspondia a 19,5% da população carmelitana. Por fim, na cidade de Patrocínio, o número de trabalhadores empregados em 2018 era de 21.830, o que correspondia a 23,7% da população patrocínense. Entretanto, a análise mais importante que deve ser feita com relação aos dados acima é saber extrair qual o percentual de trabalhadores empregados executa seu trabalho em alguma atividade relacionada à cadeia produtiva do café. Assim, percebemos a importância que o café possui para a geração de empregos nos três municípios foco do nosso trabalho.

Tabela 8 - Total de empregados formais nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio

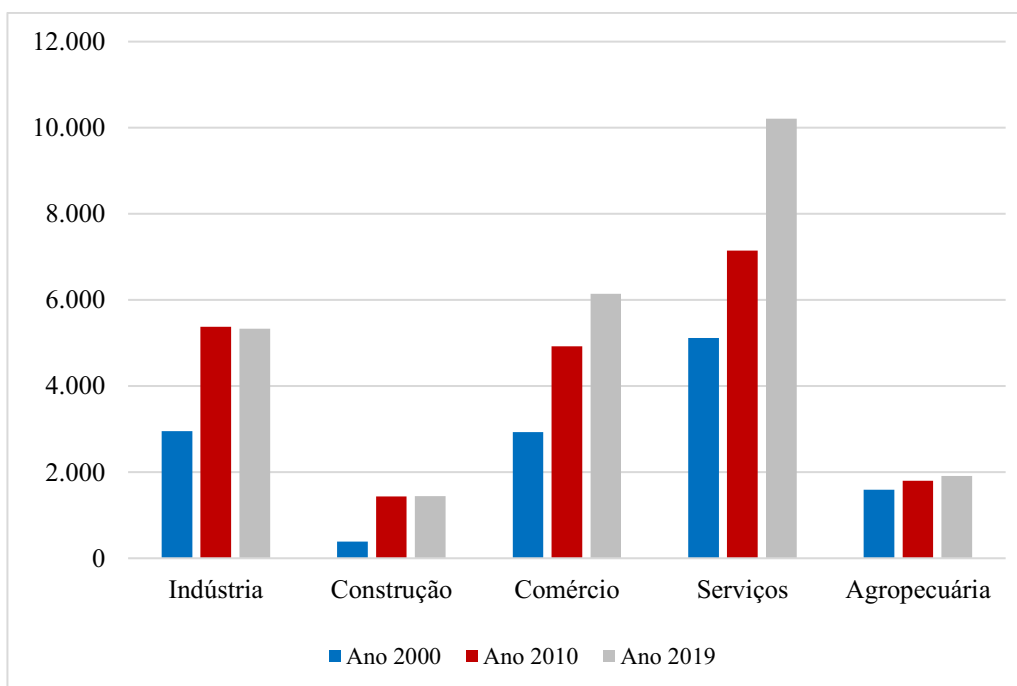
Município	2000	2006	2012	2018
Araguari	12.974	20.020	21.916	23.417
Monte Carmelo	6.396	7.961	10.526	9.380
Patrocínio	12.194	15.201	20.079	21.830

Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Se considerarmos o nível de emprego por setor nos três municípios, percebemos que houve aumento na geração de postos de trabalho nos últimos nove anos no setor agropecuário nas cidades de Araguari e Patrocínio. Já em Monte Carmelo houve queda na geração de empregos no setor agropecuário em 2019 em comparação com o ano de 2010. Já o setor de serviços cresceu em todos os municípios nos últimos 9 anos. Já o setor industrial permaneceu estável em Araguari e teve crescimento em Patrocínio, ao contrário de Monte Carmelo, onde decresceu abruptamente, na comparação com 2010, muito em função da queda da atividade da

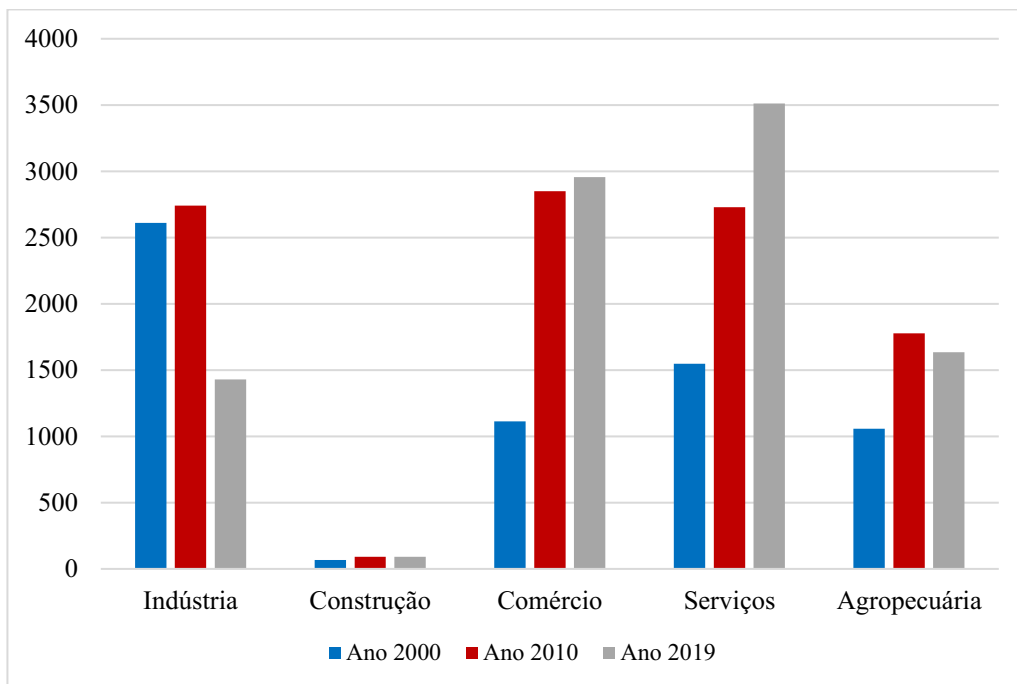
indústria cerâmica no município. O setor de construção permaneceu estável em Araguari e em Monte Carmelo, apesar de ser relativamente baixo neste município. Já em Patrocínio cresceu pouco em comparação com 2010, mas, quando comparamos com o ano 2000 o crescimento nesse setor de atividade foi relevante. Por fim, o setor de comércio cresceu nos três municípios, em comparação com o ano de 2010, em que pese, na cidade de Araguari, o crescimento ter sido muito pequeno.

Gráfico 23 - Total de empregados formais por setor no município de Araguari



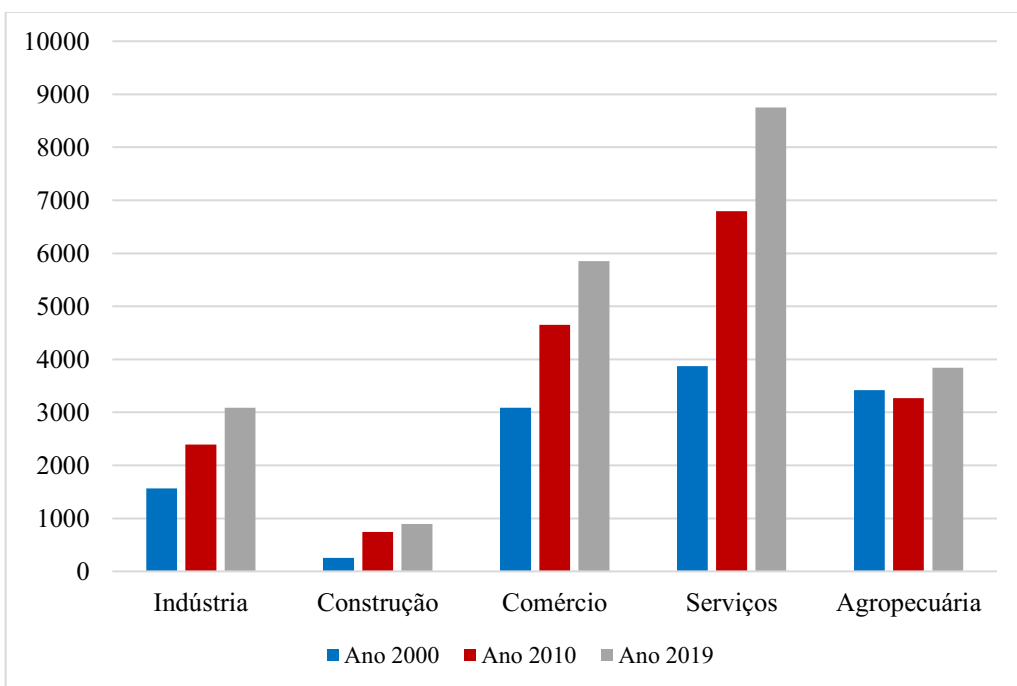
Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Gráfico 24 - Total de empregados formais por setor no município de Monte Carmelo



Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

Gráfico 25 - Total de empregados formais por setor no município de Patrocínio



Fonte: RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

A tabela 9 traz o número de automóveis nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio nos anos de 2001; 2010 e 2019. Percebe-se que a frota de veículos em Araguari cresceu em todos os anos da série pesquisada, e, no ano de 2019 teve um crescimento de 160% em comparação com 2001. Patrocínio também teve crescimento em todos os anos, e na comparação entre 2019 e 2001, a frota veicular da cidade aumentou em torno de 220%. Já a cidade de Monte Carmelo também teve sua frota aumentada em todos os anos da série analisada. E, quando se compara os anos de 2019 e 2001, houve aumento de 216%. Tendo em vista que a cafeicultura gera muita renda para os referidos municípios, pode-se dizer que a cadeia produtiva do café também foi responsável por parte do crescimento da frota de veículos nessas três cidades.

Tabela 9 - Total de frotas de automóveis nos municípios de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio

Município	2001	2010	2019
Araguari	15.715	25.681	40.953
Monte Carmelo	5.682	11.487	18.003
Patrocínio	10.621	20.144	34.017

Fonte: DENATRAN

Outro item que pode nos indicar o quanto a cafeicultura é importante e se desenvolveu nas cidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio refere-se ao crescimento do número de tratores nesses três municípios. Respectivamente, houve aumento nas cidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio no número de tratores na ordem de 140%; 85% e 119%. A base de comparação utilizada foi entre os anos de 2006 e 2017. Certamente, o aumento do número desse tipo de veículo engloba também outras atividades agropecuárias, porém, levando-se em consideração a enorme importância que o café representa para o setor agropecuário desses municípios, podemos inferir que a cafeicultura foi uma das grandes responsáveis por esse aumento na frota. A tabela 10 demonstra isso.



Tabela 10 - Número de tratores existentes nos estabelecimentos agropecuários

Município	2006	2017
Araguari	839	2.018
Monte Carmelo	739	1.368
Patrocínio	1.567	3.444

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário (2006, 2017)

Tendo em vista que a atividade cafeeira exige, na maioria das vezes, que os produtores tomem crédito juntos aos bancos, a variável “operações financeiras” também é relevante para se analisar o impacto que a cafeicultura tem na geração de renda para os municípios foco do nosso trabalho. Aqui, mais uma vez, chamamos a atenção para o fato de que as operações financeiras das referidas cidades englobam a economia local como um todo. Entretanto, dada a expressiva quantidade de recursos que a agropecuária movimenta, e o café, sendo um dos representantes mais importantes desse setor, pode-se dizer que esse produto foi um dos grandes responsáveis pelo aumento das operações financeiras nos referidos municípios. Com relação aos depósitos a prazo, à vista e à poupança Araguari teve crescimento entre os anos de 2006 e 2018, respectivamente, de 387%; de 12% e de 344%. Certamente, parcela expressiva desses depósitos era oriunda da atividade cafeeira. Já as operações de crédito, aí inclusas as para financiamento da cadeia produtiva do café, também tiveram crescimento vertiginoso de 471%. Para o município de Monte Carmelo esses números são, respectivamente, de 261%; de 1,92%; de 428% e de 440%. Por fim, para o município de Patrocínio os depósitos a prazo, os depósitos à vista, a poupança e as operações de crédito cresceram, entre 2006 e 2018, respectivamente em torno de 534%; de 97%; 434% e 391%. As tabelas 11, 12 e 13 demonstram essa evolução.

Tabela 11- Operações Financeiras no Município de Araguari

Cidade	Ano	Depósitos (R\$)		Operações de Crédito (R\$)	Poupança (R\$)
		A prazo	A vista		
Araguari	2006	41.489.303,00	43.456.135,00	173.758.946,00	100.262.833,00
	2012	152.718.873,00	71.481.181,00	649.294.823,00	262.380.477,00
	2018	202.273.552,00	49.023.395,00	992.355.626,00	445.867.829,00

Fonte: IBGE, Instituições Financeiras.

Tabela 12 - Operações Financeiras no Município de Monte Carmelo

Cidade	Ano	Depósitos (R\$)		Operações de Crédito (R\$)	Poupança (R\$)
		A prazo	A vista		
Monte Carmelo	2006	21.494.853,00	19.118.652,00	107.121.209,00	36.384.497,00
	2012	51.371.201,00	21.121.249,00	388.337.189,00	99.896.525,00
	2018	77.635.015,00	19.486.306,00	578.451.010,00	192.379.464,00

Fonte: IBGE, Instituições Financeiras.

Tabela 13 - Operações Financeiras no Município de Monte Carmelo

Cidade	Ano	Depósitos (R\$)		Operações de Crédito (R\$)	Poupança (R\$)
		A prazo	A vista		
Patrocínio	2006	23.617.051,00	29.602.748,00	219.647.288,00	69.252.994,00
	2012	93.469.469,00	57.992.677,00	687.416.294,00	192.154.204,00
	2018	149.822.902,00	58.453.741,00	1.080.067.875,00	370.071.839,00

Fonte: IBGE, Instituições Financeiras.

Assim, depois de feitas várias pesquisas e também a leitura de obras de vários especialistas no assunto cafeicultura, especialmente a produção cafeeira na região do Triângulo

Mineiro e Alto Paranaíba, e, mais especificamente ainda, referentes às cidades de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, podemos concluir, com base em dados e perfil econômico, que a produção de café desempenhou nos últimos 35 anos um papel de suma importância para a economia dessas três cidades. E, ao que tudo indica, ainda continuará sendo uma importante matriz econômica para esses três municípios, pois, o efeito multiplicador gerado pela cadeia produtiva do café no nível de emprego e renda, que acaba irradiando para, praticamente todos os demais setores dessas cidades tende a permanecer, pelo menos, no médio prazo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Exposto como a cafeicultura se estabeleceu no estado de Minas Gerais, que atualmente é o líder na produção de café do país e, posteriormente, na mesorregião do TMAP, principalmente em Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio, podemos concluir que, apesar da cafeicultura ser importante economicamente nesses três municípios, ela se desenvolveu e influenciou de forma distinta a economia de cada um deles. Vale ressaltar que a agricultura/agropecuária está cada vez mais interligada à indústria, e, por isso, quando falamos dos impactos da atividade cafeeira estamos falando dos avanços que esta propiciou não somente no campo, mas também nos outros setores econômicos, como o comércio, serviço e indústria.

No que se refere ao TMAP, pode-se concluir que a cafeicultura é bastante forte economicamente na região, e apesar de não ser o maior produtor do estado mineiro, ele se diferencia das demais regiões por possuir uma cafeicultura moderna, com o uso intensivo de tecnologia e voltado para o nicho de cafés especiais.

Em se tratando de Patrocínio sua economia é bastante dependente do café e, portanto, esta cultura trouxe uma série de impactos para o município. Conforme Veríssimo (2015, pg.87)

A formação da cidade de Patrocínio teve como base econômica o café, sustentando o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico do município. A origem de cooperativas de produtores de café, as empresas de corretagem, os comércios, entre outros segmentos ligados ao café, são resultados da expansão da cafeicultura. Essas transformações que ocorreram são perceptíveis na paisagem, podendo ser elencados: o crescimento populacional da cidade, o desenvolvimento urbano, as relações sociais e a polarização da cidade.

Assim sendo, com o avanço da atividade cafeeira o município foi se reestruturando e cada vez mais o meio urbano passou a atender as exigências do agronegócio. De acordo com Santos (2005, pg. 14), a cafeicultura é o setor que mais gera empregos e renda na cidade.

Já em relação a Araguari, a cafeicultura possui significativa relevância econômica, entretanto, outras culturas também exercem um papel importante, como por exemplo, a soja e o tomate, se configurando, dessa forma, como um município plural na agricultura. Dito isso, Araguari não tem sua economia dependente do café como é observado em Patrocínio, e o conjunto de atividades agrícolas desempenhadas foi o que impulsionou o desenvolvimento urbano e socioeconômico. Além das cooperativas e associações, o município também conta com um setor industrial bastante próspero, e muitas dessas indústrias estão relacionadas com as atividades agrícolas, principalmente de café e soja.

Em relação a Monte Carmelo, desde que a cafeicultura chegou no município em 1970, esta se estabeleceu como uma importante atividade econômica, porém, até o início dos anos 2000, a indústria cerâmica dominava a economia carmelitana. Entretanto, tal segmento passou por uma forte crise, e teve uma brutal perda de relevância para a economia da cidade. Assim, mesmo que o café não tenha contribuído exponencialmente para o desenvolvimento do município, como ocorrera, especialmente em Patrocínio e, em menor grau, em Araguari, a cafeicultura passou a sustentar em grande parte a economia da cidade de Monte Carmelo.

Assim, demonstramos nesse trabalho como a cafeicultura é extremamente importante para a economia de Araguari, Monte Carmelo e Patrocínio e como esta atividade está centralizada nesses três municípios, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento urbano, social e econômico de cada um.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ACOMPANHAMENTO da safra brasileira de café**, v. 5– Safra 2018, n. 4 - Quarto levantamento, Brasília, p. 1-84, dezembro de 2018. Disponível em: [http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/levantamento/conab\\_safra2018\\_n4.pdf](http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/levantamento/conab_safra2018_n4.pdf).

Acesso em: 24nov. 2019

**ACOMPANHAMENTO da safra brasileira de café**, v. 6– Safra 2020, n. 3 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-54, setembro 2020. Disponível em: < [CAFEZSETEMBRO.pdf](#)>

Acesso em: 10out. 2020

ANDRADE, R.G.R. **A expansão da cafeicultura em Minas Gerais: da intervenção do estado à liberalização do mercado**. Belo Horizonte: UFMG-CEDEPLAR, 1994. 164p. Dissertação Mestrado.

ARAGUARI – 129 anos de desenvolvimento. **Prefeitura Municipal de Araguari**, 2017. Disponível em: <<https://www.araguari.mg.gov.br/noticias/araguari-129-anos-de-desenvolvimento>> Acesso em: 14 abr. 2020

ARAÚJO, F. A. V. **(Re)configurações espaciais na cidade média: a análise de Araguari no Triângulo Mineiro (MG)**. 2010. 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

ARAÚJO, F. A. V; SOARES, B. R. **O Processo de Modernização Agrícola como Condicionante à Nova Relação Urbano-Rural no Município de Araguari (MG)**. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.1, p.02-20, jan. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ (ABIC). Disponível em < <https://www.abic.com.br/>> Acesso em: 08/09/2020

ASSOCIAÇÃO DOS CAFEICULTORES DE ARAGUARI. Disponível em: <<https://www.aca.com.br/index.php>> Acesso em: 10 jul. 2020

ASSUNÇÃO, W. L. **Clima e agricultura: a sustentabilidade da cafeicultura irrigada em áreas de cerrado - o caso do município de Araguari (Minas Gerais – Brasil)**. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 8., 2001, Santiago: Universidad de Chile, 2001. p. 1-12.

AZEVEDO, A. da S. **As cafeiculturas do Cerrado Mineiro e do Sul de Minas no escopo das singularidades institucionais**. 2018. 139 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

BACELAR, Winston K. de A. **Os mitos do “sertão” e do Triângulo Mineiro: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade**. Uberlândia: Gráfica Composer, 2003. 188p.

BARBOSA, M. **Caracterização da Carga Física de Trabalho na Cafeicultura do Sul de Minas Gerais**. 2013. Pós-Graduação – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2013.

BARROS, N. A. **História regional, café e indústria: a zona da Mata de Minas Gerais**. In: ANPUH – XXIII Simpósio nacional de história. Londrina, 2005.

BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal de. Fundação João Pinheiro, Governo de Minas Gerais. **História do Café das Matas de Minas**. Minas Gerais, 2017.

BERNARDO, L. **Agricultura e Meio Ambiente: um estudo comparativo entre os sistemas de produção patronal e familiar em Monte Carmelo e Irai de Minas (MG)**. Uberlândia: UFU, 2001(Dissertação Mestrado)

BIBLIOTECA IBGE. Acervo dos Municípios Brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445348&view=detalhes>. Acesso em: 18nov. 2019.

BLOG GRAO GOUMERT. **O Cafeeiro e seu Ciclo**. Disponível em: <https://www.graogourmet.com/blog/post1-o-cafeeiro-e-seu-ciclo/>. Acesso em: 22nov. 2019.

**CERRADO Mineiro conquista Denominação de Origem para café**. Revista Globo Rural, 07 jan. de 2014. Disponível em: < [Cerrado Mineiro conquista Denominação de Origem para café - Revista Globo Rural | Café](#)> Acesso em: 15 nov. 2019

COMEX Stat. **Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços Dados estatísticos**, 2020. Disponível em:< <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home> >

COSTA, F. N. **Bancos em Minas Gerais (1889-1964)**. 1978. 2v. Dissertação (mestrado) - Universidade de Campinas., Instituto de Economia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas., Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285680> Acesso em: 12 jul. 2019.

DE PAULA, R. **Indústria em Minas: Origem e Desenvolvimento**. In: Seminário sobre a Economia Mineira, X, 2002, Belo horizonte.

DUTRA, D; MACHADO, R; CASTRO, C. **Ações públicas e privadas na implantação e desenvolvimento da indicação geográfica do café em Minas Gerais**. Informe GEPEC, Cascavel, v. 13, n. 1, p. 90-106, jan./jun. 2009.

GUIMARÃES, E. N. **Formação e Desenvolvimento Econômico do Triângulo Mineiro: Integração Nacional e Consolidação Regional**. Uberlândia, Editora EDUFU, 2010.

GOLINI, P. **Do Cafezal ao Cafezinho: conheça o processo de fabricação do café**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/culinaria/infograficos/producao-cafe-pilao/> Acesso em: 22nov. 2019.

HIRSCHMAN, A. O. **Estratégia do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 322 p.

HISTÓRIA do município. **Prefeitura Municipal de Patrocínio**, 2017. Disponível em: < <https://www.portal.patrocinio.mg.gov.br/pm/index.php/municipio/historia> > Acesso em: 14/04/2020

Hoje é o dia do café. **Revista Cafeicultura**, 2009. Disponível em: <<https://revistacafeicultura.com.br/?mat=21795>> Acesso em: 08 ago. 2019.

IBGE. Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

IBGE. A Geografia do café. Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 136p

LANNA, A. **O Café e o Trabalho Livre em Minas Gerais**. Rev Bras de Hist. São Paulo, volume 06, número 12, páginas 73-88, mar/ago 1986.

LIMA, J. **Café e Industria em Minas Gerais**. 1977. Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1977.

MARINHO, P. **Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II: A grande escola prática de nascente Engenharia Civil no Brasil oitocentista**. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2015000100203](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2015000100203). Acesso em: 28nov. 2019.

MARTINS, M. **A Marcha do café no Sul de Minas, década de 1880-1920: Alfenas, Guaxupé, Machado, e Três Pontas**. Revista Territórios e Fronteiras. Mato Grosso, volume 07, 2014.

MELLO, J.M.C. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Brasiliense, 1982

MINAS Gerais responde por 50% da produção brasileira de café. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMPRAPA, 2014. Disponível em < [Minas Gerais responde por 50% da produção brasileira de café - Portal Embrapa](#)> Acesso em: 14 nov. 2010

MOREIRA, A. P. M.; COSTA, C. **Avaliação das ferramentas de gestão em fazendas certificadas de café na região de Monte Carmelo, MG.** GETEC, Monte Carmelo, v. 2, n. 4, p. 25-43, 2012.

MOTTA, D. **Desenvolvimento regional e estruturação da rede urbana. Série Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil 3.** Brasília: IPEA, Inst. de Pesquisa Económica Aplicada, Edição 2002.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas.** Rio de Janeiro: SAGA, 1972

NASCIMENTO, R. C. do. **Os cafés especiais no Cerrado Mineiro: o circuito espacial produtivo e os círculos de cooperação no município de Patrocínio, MG.** Dissertação (Mestrado em Geografia). 237f. Campinas: IG/UNICAMP, 2014.

NETO, W. G. **Agricultura e Política Agrícola na década de 70: A cafeicultura em Araguari, MG.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1983.

OLIVEIRA, M. **Os trabalhadores negros presentes no Congado em Monte Carmelo.** 2015. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

OLIVEIRA, R. S. **O CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DO CAFÉ A PARTIR DO MUNICÍPIO DE PATROCÍNIO/MINAS GERAIS.** In: SANTOS, N; POZZETTI, V.C. XXVI ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI BRASÍLIA – DF DIREITO AGRÁRIO E AGROAMBIENTAL, Brasília: Conpedi, 2017. p. 250-268.

OLIVEIRA, R. S. SILVA, M. V. JUNIOR, J. C. **A CAFEICULTURA MODERNA EM PATROCÍNIO/MG: DO LOCAL AO GLOBAL.** Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVII, N°. 000114, 18/10/2017. Disponível em: <https://semanaacademica.com.br/artigo/cafeicultura-moderna-em-patrociniomg-do-local-ao-global> Acessado em: 08 abr. 2020.

ORTEGA, A. C; JESUS, C. M. **Café e Território: a cafeicultura no Cerrado Mineiro.** São Paulo: Alínea, 2012. 246p.

IBGE. Produção Agrícola Municipal, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>

PERROUX, F. **A Economia do Século XX.** Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1966. 755 p.



PIRES, A. **Café, Finanças e Bancos: Uma análise do sistema financeiro da zona da mata de Minas Gerais: 1889/1930.** 425. Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Juiz de Fora. Agosto 2014.

**Prefeitura Municipal de Monte Carmelo.** Disponível em <<https://www.montecarmelo.mg.gov.br/>> Acesso em: 02 abr. 2020

REGIÕES DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES: 2018 / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 192 p.

RABELO, P.V; FERNANDES, A.L.T. **O prêmio qualidade do café para espresso como forma de avaliação do café arábica no Brasil.** 33º Congresso Brasileiro de Pesquisas Cafeeiras, 2007.

REVISTA CAFEICULTURA. **SIS/Sebrae divulga estudo sobre o consumo de café no Brasil.** 2019. Disponível em < <https://revistacafeicultura.com.br/?mat=67988>> Acesso em: 09/09/2020

RIBEIRO, A; MÁRQUES, F. **Recortes: histórico/social/educacional da cidade de Monte Carmelo.** Cadernos da FUCAMP, 2012, v.11, n.14, p.62-83.

SANTOS, J. J. **Vida e trabalho na cafeicultura no município de Patrocínio/MG.** 2005. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

SAES, M.; JAYO, M. **Caccer: coordenando ações para a valorização do Café do Cerrado.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PENSA DE AGRIBUSINESS, 7, 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PENSA-FIA-USP, 1997.

SILVA, R. E; SILVA, G. A. **A IMPORTÂNCIA DO CLIMA NA INSTALAÇÃO E PRODUÇÃO CAFEIRA NO CERRADO MINEIRO: O CASO DE PATROCÍNIO NO ALTO PARANAÍBA (MG).** *REVISTA GEONORTE*, 3(9), 840, 2012.

SILVA, S. M.; SANTOS, A. C.; LIMA, J. B. **Competitividade do agronegócio do café na região Sul de Minas Gerais.** Organizações Rurais e Agroindustriais. Lavras: UFLA, v.3, n. 1, Jan-Jun./2001.

SIMÕES, J. C.; PELEGRINI, D. F. **Diagnóstico da cafeicultura mineira - regiões tradicionais: Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.** Belo Horizonte: EPAMIG, 2010. 56 p. (EPAMIG. Documentos, 46).

VALE, A; CALDERARO, R; FAGUNDES, F. **A CAFEICULTURA EM MINAS GERAIS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS REGIÕES TRIÂNGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA E SUL/SUDOESTE**. Campo-Território (UFU). v.9, n.18, p.1-23, 2014.

VERÍSSIMO, T. **O Capitalismo Agrário na Atividade Cafeeira no Município de Patrocínio (MG)**. Espaço em Revista. v.17, n. 1. p. 85-102.

SOUZA, J. V. P; BIALOSKORSKI, N. S. **Formação das cooperativas de café no Brasil: uma análise econômica e institucional**. In: III Encontro de Investigadores Latino Americanos de Cooperativismo. São Leopoldo/RS, 2004. Disponível em: [www.sober.org.br/palestra/12/04O240.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/12/04O240.pdf) Acesso em: 28 mai. 2020.